

**MIRIAM TEREZINHA LOPES LÚCIO**

**O BOI DE MAMÃO VIVO(E) NA ESCOLA:**

**Uma leitura do *GRUPO FOLCLÓRICO BECO DO BEIJO* da cidade de Tubarão**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem como requisito à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Jussara Bittencourt de Sá

**Tubarão, 2006**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiro a Deus, fonte inesgotável de vida.

Aos meus amores Paulo Vinícius e Paulo Henrique;

As pessoas que colaboraram para a realização dessa pesquisa, especialmente, ao incansável Sr. José Marcondes.

Finalmente, aos professores Mário Guidarini, pelos primeiros passos, nesta pesquisa, e Jussara Bittencourt de Sá, minha orientadora.

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu filho, Paulo Vinícius,  
Leitor/espectador desta lição e de outras  
futuras.

Folclore

É uma história nova

Sem nenhuma novidade.

É uma perpétua novidade

Sem nenhuma coisa de novo.

(PADRE ANTONIO VIEIRA).<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta dissertação apresentou uma pesquisa sobre a arte do folclore, em especial, o Boi de mamão a partir da leitura do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* da cidade de Tubarão. A idéia da realização desta pesquisa partiu das observações e experiências obtidas através das apresentações do referido Grupo na escola focalizada nesta dissertação. Pretendeu-se promover uma análise desse espetáculo em relação à linguagem utilizada. Também, enfatizou-se as vozes sociais presentes na encenação da vida, morte e ressurreição do Boi. Investigou-se, ainda, sua repercussão na comunidade escolar que aprecia, este mito, bem como as apresentações de Boi de mamão, embora esse apresente-se acrescido com elementos diferentes e inovados. E apesar disso (das inovações), a estética de representação anunciada não causa de forma alguma o suposto apagamento do mito original, porque o ritual da morte e ressurreição do Boi continua intocável; ainda, neste estudo de caso percebeu-se que os personagens humanos vivem em constante rotação e transformação bem como os bichos, embora esses últimos permaneçam intactos na sua essência, ou seja, não se apagam da memória coletiva. O Grupo estudado mantém uma forma peculiar de montar e representar o Boi de Mamão, recriando ou reinventando a lenda do Bumba meu Boi em estilo açoriano, usando uma linguagem própria e, com isso, anunciando outras vozes sociais. Refletiu-se sobre os caminhos que conduzem leitores /educadores à importância do cultivo, vivência e uso do mito e folclore no contexto educativo. Foi intenção deste trabalho contribuir para que as gerações que, agora, vivenciam o auto do Boi continuem o processo de repetição, cultivo e perpetuação desse mito.

**Palavras-chave:** Boi de Mamão. Inovação. Preservação. Ensino e Aprendizagem.

---

<sup>1</sup> História do Futuro I, p. 173. Disponível em: <www. Littérature>.

## ABSTRACT

This work presented a research on the art of the folklore, in special, the Boi de mamão – a reading of the *Grupo Folclórico Beco do Beijo* of the Tubarão city. The idea of the accomplishment of this research from of the comments and experiences gotten through the presentations of the related Group in the school focused in this researt. It was intended to promote an analysis of this spectacle in relation to the used language. Also, one emphasized the social voices presents in the stage of the life, death and resurrection of the Ox. It was investigated, still, its repercussion in the pertaining to school community that appreciates, this myth, as well as the presentations of the Boi de mamão, even so this is presented increased with different and innovated elements. Although this (of the innovations) aesthetic of announced representation not the cause of form some the presumption deletion of the original myth, because the ritual of the death and resurrection of the Ox continues untouchable; still, of this study of case one perceived that the human personages live in constant rotation and transformation as well as the animals, even so these last ones remain unbroken in its essence, that is, they are not erased of the collective memory; the Group keeps a peculiar form to mount and to represent the Ox, being to create or invent again the legend of the Ox in açoriano style, using a proper language and with this announcing other social voices. It was reflected on the ways that readers/educators to the importance of the culture, experience and use of the myth and folklore in the educative context. It was intention of this work to contribute so that the generations that, now, live deeply the performance of the Ox continue the process of repetition, cult and perpetuation of this myth.

**Word-key:** Boi de mamão. Innovation. Preservation. Teaching and Learning Process.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Boi de mamão .....	20
Figura 2 - Apresentação do Boi de mamão, da Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis ...	23
Figura 3 - Dança do boi de mamão.....	24
Figura 4 - Apresentação da Gioconda e do Boi no Bar do Gervásio .....	26
Figura 5 - Seu José Marcondes, Montando um Boi para doação .....	30
Figura 6 - Primeiro Boi, 1994.....	34
Figura 7 - Os personagens, maio de 1997. ....	36
Figura 8 - O Boi, dezembro de 1998. ....	40
Figura 9 - Bernúncia e filhotes, dezembro de 1998. Fig. 10: Cabrinha, 1994. ....	41
Figura 10 - Cabrinha, 1994.....	42
Figura 11 - Nega Mariana (grávida) e Nego Mariano, dezembro de 1998. ....	43
Figura 12 - Cavaleiro com o cavalinho. ....	45
Figura 13 - Porta-bandeira, 1995.....	45
Figura 14 - Filho da Mariana e Mariano, chupa-cabra e tocadores, apresentação da Associação da Rede Ferroviária, dezembro de 1998.....	47
Figura 15 - Grupo de Cantor se apresentando no Bar do Gervásio.....	48
Figura 16 - Teatro (2002). ....	53
Figura 17 - Teatro “A lenda do Bumba meu boi”, 2001. ....	57
Figura 18 - Entrega do primeiro Boi a E. E. B. Monte Castelo (atualmente, E. E. B. Arino Bressan), 2002.....	60
Figura 19 - Os Bichos, <i>Grupo Folclórico do Boi de mamão, E. M.E. B. Arino Bressan.</i> ....	62
Figura 20: Teatro “As lendas invadiram o Boi de mamão”, E.M.E.B. Arino Bressan, 2002 .	64

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1.1 Metodologia</b> .....	13
<b>2 FOLCLORE E O MITO DO BOI DE MAMÃO</b> .....	17
<b>2.1 Breve histórico</b> .....	20
<b>2.2 O espetáculo no folclore: sedução da linguagem verbal e não-verbal</b> .....	26
<b>2.3 Folclore: arte que transcende e identifica</b> .....	30
<b>3 ESTUDO DE CASO</b> .....	35
<b>3.1 O Grupo Folclórico Beco do Beijo da Cidade de Tubarão</b> .....	35
3.1.1 Breve histórico .....	35
3.1.2 Elementos formadores do espetáculo .....	38
3.1.2.1 Os bichos: protagonistas do espetáculo .....	38
3.1.2.2 Os personagens-humanos: elementos em constante rotação .....	43
3.1.2.3 Indumentária .....	46
3.1.3.4 Acessórios .....	46
3.1.2.5 Os instrumentos e a cantoria .....	47
3.1.3.6 Materiais .....	52



<b>3.3 Reflexões sobre as vozes sociais anunciadas no espetáculo do <i>Grupo Folclórico</i></b>	
<i>Beco do Beijo</i> .....	53
<b>3.3 O Boi de mamão no contexto escolar</b> .....	57
3.3.1 Grupo Folclórico de Boi de mamão da Escola Municipal de Educação	
Básica Arino Bressan .....	60
<b>3.4 Considerações e perspectivas no cultivo do folclore do Boi de mamão na escola para uma Educação (re)significada</b> .....	62
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70
<b>ANEXOS</b> .....	72
ANEXO A - Depoimento do Sr. José Marcondes .....	73
ANEXO B - Teatro (As lendas invadiram o Boi de mamão).....	75
ANEXO C - Lenda (O Bumba meu boi) .....	77
ANEXO D - Troféu (foto).....	79
ANEXO E - Entrega de um Boi à escola (foto) .....	79
ANEXO F - Bernúncia (foto) .....	80
ANEXO G - Sr. José Marcondes recebendo o Troféu .....	80
ANEXO H - Produção textual de aluno .....	81
ANEXO I - Questionário .....	82



## 1 INTRODUÇÃO

O crescente aparecimento de novas tecnologias na área de entretenimento, além de outros, vem contribuindo para que ocorram mudanças no cotidiano e, aqui nos atemos, em especial, dos educandos; promovendo cada vez mais o distanciamento dos rituais folclóricos e artísticos como, no caso, o da encenação da lenda do Boi de Mamão. Entretanto, mesmo nesse contexto, percebe-se que há, ainda, grupos folclóricos resgatando e reencenando esta manifestação popular, o que contribui para a preservação e representação desta lenda: vida, morte e ressurreição do Boi de Mamão do legado da cultura açoriana. Ao evidenciar-se o ritual do Boi de Mamão, identifica-se que, quando se cria e se emprega repetidas vezes uma mesma imagem, no caso deste espetáculo, em que o fenômeno mítico de morte e ressurreição do Boi são apresentados, mesmo em versões diferentes (cada região mantém sua tradição e montagem) se está, potencialmente, imprimindo um conceito ou uma idéia de mundo que poderá ser recriada ou copiada. Tal especificidade acentua a riqueza da linguagem dessa encenação não só quanto ao imaginário (que nos reporta ao(s) mito(s) protagonista(s) da lenda com todo seu enredo de tramas e drama), mas, principalmente, quanto à construção da identidade cultural de um Grupo (pela presença da inovação e improvisação em sua performance).

Esta dissertação apresenta<sup>2</sup> reflexões ligadas ao folclore, especificamente, ao mito do Boi de mamão, enquanto manifestação folclórica e artística e, também, observando-a no contexto do ensino e aprendizagem. Elaborar-se, também, um breve histórico do trabalho realizado pelo *Grupo Folclórico Beco do Beijo* desde a sua origem até meados de 2002, quando do início desta pesquisa. Em relação ao espetáculo, são analisados aspectos pertinentes à estética da recepção, apreendidos a partir das considerações de Hans Robert Jauss<sup>3</sup>. Tais relações são enunciadas quanto à produção, apresentação e cultivo da representação e repetição da morte e ressurreição do Boi de mamão em escola pública<sup>4</sup> de Tubarão.

Neste contexto, alguns questionamentos emergem. Primeiramente: diante da presença efetiva do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* no dia-a-dia das escolas, particularmente, na E. M. E. B. Arino Bressan como a introdução de novos elementos que representam vozes sociais e suas performances no espetáculo de vida, morte e ressurreição do Boi são apreendidos e recepcionados pelas alunos e professores dessa unidade escolar?

E, ainda, como a linguagem utilizada nesse espetáculo (verbal ou não-verbal) como acessórios, canções, personagens, indumentária e outros poderiam tornar-se mistificadora ou desmistificadora? Por exemplo, no espetáculo do *Grupo Folclórico de Boi de Mamão Beco do Beijo*, há a presença de elementos ou personagens renovados como o ato de acender fogos de artifício para ressuscitar o Boi. Isso leva à formulação de um outro questionamento: a utilização de elementos inovadores nas apresentações do Boi de Mamão poderia desacralizar/apagar o mito original? Essa questão é respondida dentro de uma perspectiva dialética (focaliza-se o processo de transformação e alterações das performances)

---

<sup>2</sup> Nesse capítulo, os verbos encontram-se no tempo presente, conforme orientação.

<sup>3</sup> A Estética da Recepção pressupõe dois modos de recepção: a do efeito e o significado do texto para o leitor. “[...] Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos.” (JAUSS apud LIMA, p. 70).

<sup>4</sup> Veja p. 53.

e percorre-se o caminho inverso, isto é, senão houver apagamento haverá o enriquecimento e/ou contribuição.

Nesse sentido, torna-se pertinente a indagação: a representação do Boi de mamão como signo lingüístico e suas versões estariam adquirindo um caráter de perpetuação a cada nova construção ou repetição? E esse processo mostra que o cultivo do folclore torna-se um elemento de promoção das manifestações culturais de um modo geral e, como tal, a promoção da interação dos tempos (entre o mito original e o folclore atual) e das gerações (entre o saber tradicional e a cultura contemporânea), uma vez que a lenda do Boi de Mamão produz um fascínio sobre as crianças? Assim, como tal manifestação folclórica poderia ser aproveitada no processo de ensino e aprendizagem?

Nossa tese, portanto, parte do pressuposto de que se os elementos novos introduzidos na apresentação do espetáculo do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* de Tubarão, coordenado pelo Sr. José Marcondes, ao mesmo tempo em que poderiam distanciar-se do auto original, também estariam, na medida em que registram reinvenções, renovações ou variações dos elementos formadores, atualizando e enriquecendo tal ritual. Sendo assim, a introdução de tais elementos poderia ser apreendida no desenvolvimento de atividades do processo de ensino-aprendizagem.

Cabe salientar que, durante muito tempo, observamos e participamos inúmeras vezes de apresentações de Boi de mamão do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* na escola em que trabalhamos, nas comunidades e bairros próximos, em época de festas juninas e folclóricas. Daí, emergiram reflexões que nos levaram a questões como: Como garantir a continuidade do trabalho realizado por este Grupo folclórico? Como o público recebe os novos elementos introduzidos nessa lenda? Como fazer para que as crianças além de participar, imitar e reproduzir o Grupo do seu José Marcondes pudessem conhecer, vivenciar e preservar o folclore, particularmente, a brincadeira do Boi?

Salienta-se a relevância desse estudo, primeiramente, porque visa analisar a encenação do Boi de Mamão como signo lingüístico e cenário anunciador de vozes sociais. Portanto, investiga-se como a representação desse mito, em forma de brincadeira, pode contribuir para o ensino e aprendizagem dos educandos. E, também, como as vozes sociais (polifonia e dialogia) na concepção de Mikhail Bakhtin possam estar presentificadas, anunciando caminhos que possam auxiliar na compreensão do fascínio das crianças por esse mito assim como a receptividade do público diante da inovação. E, ainda, faz-se inserções de sugestões a serem desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem, em especial, envolvendo as crianças que freqüentam o Ensino Fundamental.

Interessa-nos, principalmente, dar à encenação do Boi de mamão a importância devida dentre as manifestações artísticas, para que este estudo possa de alguma forma servir de estímulo aos que tentam, como nós, vivenciar, cultivar e preservar o mito do Boi de mamão e legitimar seu lugar às futuras gerações.

## 1.1 Metodologia

Como objetivo geral, esta pesquisa diagnostica os signos verbais e não-verbais (personagens, indumentária, instrumentos, letra de música, dentre outros) que compõem o espetáculo do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* de Tubarão, desde 1995 (origem) até 2002. E quanto aos objetivos específicos pretendemos:

- Perceber sua contribuição para o cultivo e perpetuação do mito do Boi de mamão na escola. Para tanto, focalizamos aspectos teóricos e Históricos;
- Analisar a inovação, perpetuação, cultivo e contribuição da linguagem folclórica usada;
- Verificar quais vozes sociais são apresentadas no espetáculo da morte e ressurreição do Boi de Mamão;

- Abordar questões que discutam um diferente caminho no cultivo do folclore na escola e/ou na alfabetização<sup>5</sup>, alicerçada no mito do Boi de Mamão.

Dessa forma, este estudo verificará a inter(rel)ação entre representação do Boi de Mamão (enquanto manifestação folclórica) e linguagem. Nessa perspectiva, as versões de Boi de mamão apresentam-se construídas e reconstruídas pelos atores desde o momento em que preparam cada figura até quando atuam ou interpretam seus personagens.

Sob o olhar da estética, verificaremos as diferentes performances de montagem e apresentação da lenda do Boi de mamão do *Grupo Folclórico Beco do Beijo*. Se preocupa também em compreender porque esse Grupo a cada apresentação mostra versões diferentes do espetáculo desde a figura do Boi, até a introdução de elementos diferentes (como as máscaras usadas por alguns personagens integrantes do Grupo). Adentra-se, ainda, no campo da **semiótica**, porque as versões apresentadas encontram-se plenas de signos comunicativos e informativos, especificamente da semiótica da cultura, como afirma Lotman (apud GUIMARÃES, 2002, p. 177), “[...] é um novo tipo de signo e por isso pode ser estudado também sob o ponto de vista da semiótica (resumidamente definida como ciência dos signos e, mais especificamente, da semiótica da cultura)”.

Na trajetória desta pesquisa são utilizadas como abordagem a **pesquisa bibliográfica** (o aporte teórico é advindo de referências e reflexões de obras como “As raízes históricas do conto” e “Comicidade e riso” de Vladimir Propp. Nesta perspectiva, pretende-se apreender os processos de construção de um conto e seus elementos fantásticos que são pertinentes à lenda do Boi. Em “Estética da criação verbal” e “Filosofia da linguagem” de Mikhail Bakhtin, verificam-se as tentativas de como se depreende a idéia do ser, as dimensões do eu no outro percebidas nas várias versões do auto em estudo. Nas obras “O mito do eterno

---

<sup>5</sup> Alfabetização é um processo que se inicia muito antes da entrada na escola, nas leituras que o sujeito faz do mundo que o rodeia, através das diferentes formas de interação que estabelece. E se consolida em um processo de **construção do conhecimento** e, como tal, é desencadeada pela “inter-ação” permanente entre educando e objeto de conhecimento. (MOLL, 1996, p. 70-188).

retorno” e “Mito e realidade” de Mircea Eliade, observa-se a questão da origem do mito e o retorno à existencialidade, isto é, a ressurreição; “Repensando o folclore” de J. Gerardo M. Guimarães, nos aponta o folclore como manifestação cultural do povo, fenômenos e fatos folclóricos e “O Boi de mamão catarinense” de Doralécio Soares, explica-nos as nuances do Boi de mamão açoriano; nas idéias de Nelson Goodman e Alfredo Bosi percorro as significações e apreensões da arte, além das obras mencionadas). No **estudo de caso** utilizamos os recursos audiovisuais como as fitas de vídeo, fotos das representações do Grupo em estudo, que mostram os elementos renovados; entrevistas (com alunos e professores e o coordenador do Grupo); depoimentos; documentos e textos (arquivos do Grupo); textos literários (“Bumba meu Boi”, uma lenda sobre a origem do mito do Boi de Mamão e “As lendas invadiram o Boi de mamão”, uma peça teatral do Colégio Dehon) e letras de canções usadas na representação do auto da morte e ressurreição do Boi de mamão). Para enriquecer tal estudo, inserimos anexos.

Destacamos reflexões de outros autores que abordam a questão do folclore, cultura, estética e semiótica na medida em que adentramos um pouco mais na pesquisa. É importante ressaltar que foram focalizados os acessórios (como os fogos de artifícios) e os personagens (bichos e humanos).<sup>6</sup> Assim, este estudo estrutura-se em quatro momentos: **introdução, revisão literária, estudo de caso e considerações finais.**

A **revisão literária** apresenta-se em capítulos. Sendo que no primeiro capítulo aborda-se O Folclore e o mito do Boi de Mamão. Em seguida mostra-se O espetáculo no folclore: a Sedução da Linguagem utilizada e Folclore: arte que transcende e identifica. Na seqüência, o **estudo de caso** apresenta-se O Boi de Mamão do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* de Tubarão; Os elementos formadores do espetáculo: os bichos (protagonistas do espetáculo); os personagens humanos (elementos em constante rotação); indumentária;



acessórios; os instrumentos e a cantoria e os materiais; Reflexões sobre as vozes sociais anunciadas no espetáculo do *Grupo Folclórico Beco do Beijo*; O Boi de mamão no contexto escolar: O *Grupo Folclórico de Boi de mamão da Escola Municipal de Educação Básica Arino Bressan* e, finalmente, Educação resignificada: considerações e perspectivas no cultivo do mito do Boi de mamão na escola.

---

<sup>6</sup> Cada personagem é uma voz social e representa uma figura seja fantástica seja caricaturada, por exemplo, o Boi e a Gioconda têm sua montagem peculiar, anunciando um ser mítico e /ou sócio-cultural. Contudo, suas

## 2 FOLCLORE E O MITO DO BOI DE MAMÃO<sup>7</sup>

O folclore, como traço cultural, participa de um processo geral que envolve, permanentemente, mecanismos internos, aquisitivos, desintegrativos e de recomposição e recombinação e movimentos externos, que tomam forma agressiva ou acomodatória, que por sua vez ocasionam novos processos internos [...] Em constante transformação – eis como devemos encarar o fato folclórico (CARNEIRO, 1965, p. 13).

O folguedo<sup>8</sup> do Boi de mamão é uma dessas manifestações que, atualmente, vem sendo representada de forma bastante diversificada e se perpetua na medida em que grupos folclóricos o representam como espetáculo. A lenda do Boi de mamão nos leva a pensar na transfiguração da vida humana, nos arquétipos por ele construídos e imitados; no discurso mitológico cujo comportamento humano é questionado pelo próprio homem. Conforme afirma Pondé (apud BELINKY, 1986, p. 132) “[...] no mito o homem interroga o universo e

---

indumentárias, montagem e performance podem trazer elementos novos a cada apresentação da brincadeira.

<sup>7</sup> Boi de mamão, de origem africana, é uma encenação que envolve dança e cantoria em torno do tema épico da morte e ressurreição de um Boi. No litoral catarinense, o auto incorporou marcas açorianas através da cantoria e dos instrumentos musicais. Segundo alguns folcloristas, antigamente, era chamado de Boi-de-Pano, por causa do material empregado para confeccionar o bicho. Certa vez, na pressa de fazê-lo, foi usado um mamão verde para servir de cabeça, então, batizando a brincadeira. Outros alegam o fato de o brincante "mamar", beber cachaça, antes de vestir a fantasia do Boi. (Arquivos da Fundação Franklin Cascaes) Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/franklincascaes/>>.

<sup>8</sup> Manifestações folclóricas marcadas por coreografias livres, em que os movimentos dos praticantes, a musicalidade e as cantorias, quando existem, refletem a criatividade e a improvisação. Por não exigirem maior disciplina coreográfica, tiveram maior aceitação entre o povo. Ao contrário das danças, a quase totalidade dos folguedos litorâneos, de fundo profano e religioso, são de origem açoriana ou resultaram de práticas dos descendentes de açorianos do litoral: malhação de Judas, Boi de mamão, terno de reis, cantoria do divino, farra do Boi, entrudo, festa junina/ quadrilha/casamento na roça. (Fonte: Arquivos do Grupo Folclórico Beco do Beijo).

seus fenômenos acerca da natureza profunda deles [...]. O mito alivia enquanto as mitologias sufocam uma vontade de ser”.

“O Bumba meu Boi”, lenda recontada por Joel Rufino Francisco<sup>9</sup>, remonta uma das origens da representação da vida, morte e ressurreição do Boi de mamão. É interessante pensar que todos os gestos repetidos na encenação da lenda do Boi de Mamão repetem gestos paradigmáticos, revelando certa origem da criação. Cada modelo mítico pode estar representando um arquétipo, por exemplo, no Boi ressuscitado, teríamos o Cristo, no escravo delator, o Judas. E assim por diante, porque participam da anatomia desse mito.

Falar sobre a perpetuação do folclore e do mito do Boi em uma sociedade que vive transformações culturais e educacionais constantes, diversas e controversas parece um campo vasto, entretanto, podemos encontrar idéias que tentam explicar tais questões. Observamos que os conceitos aqui destacados procuram apontar algumas das funções do mito nas sociedades. Roland Barthes (1993, p. 131), afirma que o mito é uma fala ou discurso “[...] o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem [...]”.

[...] é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares [...] o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento [...] ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (ELIADE, 1994, p. 11).

Dentre os mitos, procuramos direcionar nosso estudo para o Boi de Mamão. Nesta perspectiva, o Boi de Mamão pode ser estudado enquanto “ente sobrenatural”. Eliade (1994) nos diz que seu gênero narrativo enquanto lenda ou conto narra sua origem; desvela modelos de atitudes, pensamentos e ensinamentos do mito. Observamos que, como afirma Barthes (1993), o mito aparece como um sistema de comunicação, podendo se constatar alguns

---

<sup>9</sup> Joel Rufino dos Santos historiador, recontou a lenda do Bumba-meu-Boi in SANTOS, Joel Rufino dos. Era uma vez. **Revista Nova Escola**, junho de 1993.

aspectos míticos ou superstições relacionados ao Boi que acompanharam o homem na sua trajetória histórico-social-religiosa.

Sendo assim, focalizar a questão da vida, morte e ressurreição no mito do Boi de mamão nos remete à cultura de povos antigos que cultuavam esse animal.

[...] quando o rito de mumificação já estava bem-estabelecido, o envolvimento na pele de um animal assumiu uma outra forma que conservou muito claramente seu sentido original de identificação. Na pele era então envolvido não mais o morto e sim o sacerdote encarregado de realizar a cerimônia: “antes de se deitar na cama”, diz Budge, “ele se enrolava na pele de um touro ou de uma vaca, para dessa forma obter o renascimento; acreditava-se que ao passar através da pele de um touro conseguia-se a dádiva de um novo nascimento” (PROPP, 1997, p. 246).

O homem é um ser de linguagem bem como todos os seres na sua cosmogonia. Pela linguagem e interação com feitos históricos culturais, é que o ser humano sustenta sua existência. Vivenciar e cultivar um mito implica uma experiência extralingüística e metalingüística permeada por sentimentos de religiosidade. Mesmo quando se busca a repetição de um ritual, no caso deste estudo, pressupõe-se a capacidade de (re) contar e (re) montar uma lenda, de entoar uma cantiga ou canção, de dançar a mesma dança com ritmos diferentes. Eliade (1994, p. 22-23) relata que:

Viver os mitos implica, pois uma experiência verdadeiramente “religiosa”, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida cotidiana. A “religiosidade” dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado [...] O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva [...].



Fig. 01: Boi de mamão. Tela de Willy Zumblick, 1998.  
Fonte: Arquivos do Grupo.

## 2.1 Breve histórico

O folguedo do Boi de Mamão que tem em suas raízes a religiosidade, particularmente, a Católica cristã, nota-se a presença histórica dos Ternos de Reis<sup>10</sup> como manifestação artística, antecedendo as festas de Natal, Páscoa e as de caráter “profano” como o Carnaval. A imagem do Boi nos relembra outros cultos: o nascimento do menino Jesus, por exemplo, descansando no Presépio; a presença do Boi nos remete à proteção, aconchego e adoração.

O folguedo do Boi de mamão, no folclore catarinense, é uma das brincadeiras de maior atração popular. Existe no folclore brasileiro com os nomes mais diversos: Bumba meu Boi, Boi bumba, Boi pintadinho, Boi de reis, Boizinho, Boi de cara preta, Boi calemba, etc. e entre nós Boi de pano e Boi de mamão (SOARES, 1979, p. 29).

<sup>10</sup> Com origem na passagem bíblica em que os Reis Magos viajam durante dias para presentear e adorar o Menino-Deus, o Terno de Reis é mais conhecido nas cidades litorâneas. Grupos de até cinquenta pessoas – formando corais e tocando sanfona, violão, viola, rabeca, pandeiro e tambor – acordavam os moradores em frente às suas residências durante a madrugada e arrecadavam donativos para as novenas em homenagem ao nascimento de Cristo. Improvisavam versos para o dono da casa visitada ou alusivos aos Reis Magos, contando a história da Estrela Guia. Em seguida, partiam para outra residência. (Fonte: SITE da Fundação Franklin Cascaes).

O folguedo do Boi pernambucano, *Bumba meu Boi*, data do século XIX, mas há indícios de outros autos datando do século XVIII. O processo de aculturação e fusão cultural por que passou e continua passando a representação da morte e ressurreição do Boi fazem sentir-se pelas variadas formas de apresentação, encontradas nas diversas regiões, tendo por objetivo não só continuar a brincadeira mas, também, caracterizar os problemas vivenciados pelo povo.

O *Bumba-meu-boi* – o auto popular de mais ampla divulgação no Brasil, foi o instrumento de luta do escravo pela sua libertação e, ainda hoje, seus personagens e seqüências encarnam pessoas e refletem episódios da vida real, que o público conhece ou é capaz de identificar na roupagem fantasista ou caricatural apresentada (BELTRÃO, 2001, p. 229).

O mesmo Boi, protagonista deste folguedo, junta-se à vida pastoril do Nordeste e à civilização do couro da cultura sertaneja.

O *Bumba-meu-boi* surge após 1830, como é citado em trabalho do Padre Lopes Gama, editado em Recife em 1840. O aparecimento do Boi de Mamão em Santa Catarina tem o primeiro registro em 1871, momento do qual não se tem informação de significativas migrações nordestinas para Santa Catarina. Não há dúvidas de que ambas as manifestações surgem posteriormente aos usos folclóricos dos “*Los Touros de Mimbres*”, ou touros falsos na Espanha, e que se destinavam a exercícios tauromáquicos simulados, especialmente em treinamentos desenvolvidos por crianças e jovens (PEREIRA, 1996).

Salienta-se que todo mito pode ter influência catártica e sobrenatural na vivência humana, uma vez que traz em si um elemento original de uma outra esfera ou plano existencial – a eternidade – pela sua dimensão fantástica e maravilhosa acaba nos fascinando e seduzindo. Por exemplo, na representação do auto da morte e ressurreição do Boi, o que não falta é o sobrenatural, tragédia e drama. O público se maravilha ou se espanta com o ritual de sedução e encenação da ressurreição; cabe aos que assistem deixar-se seduzir por esse(s) personagem(s), remontado(s) num jogo de linguagens. A criatividade fica por conta das inovações e concepções artísticas, resultando em uma outra estética do folclore. Opondo-se à estética do tradicional – do folclore fixo e intocável – os grupos folclóricos de Boi de mamão

renovam suas apresentações. Somente o mito do Boi ressuscitado permanece intocável. Parece paradoxal a tentativa de aproximação do mito original com as situações da vida contemporânea. O ato de construção e desconstrução da trama e dos personagens parece ser um subterfúgio de sedução para atrair a atenção dos espectadores e a manutenção da audiência vai se (re)fazendo pela representação mais pelo riso e comicidade, que pelo drama da morte do Boi (a reação ou a receptividade das pessoas motiva as inovações apresentadas). Cada gesto ou atuação do Grupo, de certo modo, é pensado para conseguir a participação e interação dos espectadores.

Toda cultura popular é enriquecida por termos ou expressões da Literatura Oral. Sendo o folclore de natureza dinâmica, o espírito de criatividade do povo está sempre enriquecendo os fatos folclóricos de novas expressões [...] Na vivência contínua do povo que nasce que chora que canta, que ri, que dança, que joga, que caça, que nada, que fuma, que bebe, que diz que diz, que adoce, que sofre e que morre (SOARES, 1979, p. 17).

A linguagem simbólica e mítica é de mediação constante entre o que foi e o que será; entre o que é e o que já era; vida e morte, original e novo, antigo e atual, trágico e cômico; construção e desconstrução; presença e ausência; presente e passado, são elementos que misturam-se num processo dialético. Podemos exemplificar tal processo pelas (dês)montagens sucessivas dos personagens deste ritual; as diferentes armações do Boi – percebidas na utilização dos diversos materiais. Da versão do primeiro Boi, aproveitou-se apenas sua armação.

Propp (1997, p. 12) afirma que “O folclore deve ser geneticamente aproximado da língua por serem ambos produtos coletivos que surgem por força de lei e independem da vontade dos homens.” Assim, o estudo de contos como este, permite uma aproximação entre mito e linguagem, ambos produtos coletivos e, pode-se ver, ainda, sua influência nas práticas sociais, lingüísticas e culturais de uma comunidade ou grupo.

A Palavra é uma semente plantada em outras tantas, da inter-relação entre a Palavra e ação das pessoas, nascem frutos que podem perfeitamente ser as linguagens falada e escrita, também os mitos, que perpetuam e personificam a Palavra. Vemos que no espetáculo do Boi, a perpetuação do sagrado dá-se pela repetição do ritual da morte e ressurreição do mito original - o Boi. Entretanto, tal repetição pode tornar-se “opaca”, quando feita automaticamente, porque além de se viver a cultura, é necessário conhecê-la e transcendê-la, para poder eternizá-la.



Fig. 02: Apresentação do Boi de mamão, da Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis.  
Fonte: Arquivo da Fundação Franklin Cascaes.

Edson Carneiro, Mário de Andrade e Câmara Cascudo aparecem entre os que conceituam folclore como uma manifestação do saber e da arte do povo que, de geração em geração, vem sendo perpetuado por sua repetição oral e /ou escrita.





Fig. 03: Dança do boi de mamão.  
 Fonte: <<http://www.guiafloripa.com.br/cultura/folclore.php3>>.

Os vários tipos de Boi de mamão contam a mesma história, mas de modos diferentes. Cada região o denomina conforme a sua cultura e crença: Boi-Bumbá, Bumba - meu - boi, Boi de mamão, Boi de pano, Reisado, Boi pintadinho e tantos outros configuram versões de mundos particulares.

[...] Os mundos são feitos não apenas pelo que é dito literalmente, mas também pelo que é dito metaforicamente, e não apenas pelo que é dito literalmente ou metaforicamente mas também pelo que é exemplificado e exprimido – tanto pelo que é mostrado como pelo que é dito (GODMAN, 1995, p. 22-56).

A magia da linguagem mítica seduz, promovendo uma aproximação, uma interação entre os personagens do drama e o público. O espectador deixa-se encantar pelas cenas dramático-cômicas do espetáculo e, por vezes, o trágico cede lugar ao humor e o susto e horror cedem lugar aos risos e as surpresas.

Desde o tempo de Aristóteles, a arte (dramática) era tratada como um todo estruturado e qualquer deslocamento de uma de suas partes destruiria sua organização e

coesão.<sup>11</sup> As diferentes versões de espetáculo apresentado, pelos atuais grupos, sugerem desabafos ao folclore tradicional e ordenado, que pode ser considerado “arrumadinho”. A difusão cultural proporciona uma nova visão sobre o folclore e o que se percebe são manifestações culturais multifacetadas.<sup>12</sup> Contudo, todo acréscimo ou contribuição que enriqueça o saber, o fazer, o falar e o ser de um povo é bem vindo.

À medida que a difusão cultural amplia seu campo artístico, as pessoas tendem a ampliar sua visão estética, conformando-a com os tempos atuais. Um novo espectador vai se configurando. A contemporaneidade dá o tom humorístico, descontraído e improvisado à arte.

A versão da lenda original do Boi, apresenta-se refratada, pois não se conheceu o seu criador, porque se sabe dele através de leituras e relatos escritos por contistas, historiadores e folcloristas. Daí a necessidade de confrontá-la com outras versões de textos (versões de mundo) em que a dialogia e polifonia se entrecruzem, para que se possa delimitar e construir um estudo e análise razoavelmente comprometidos com a realidade do folclore e mito atualmente cultivados. Dessa forma, a partir do estudo desse mito, tentamos explicar as contradições e fatalidades sócio-culturais da sobrevivência do Boi de mamão em tempos de linguagem virtual ou cibernética.

---

<sup>11</sup> FREIRE, António. **A catarse em Aristóteles**. Braga: Codex, 1982, p. 105-111.

<sup>12</sup> Toda cultura popular é enriquecida por termos ou expressões da Literatura Oral. Sendo o folclore de natureza dinâmica, o espírito de criatividade do povo está sempre enriquecendo os fatos folclóricos de novas expressões “[...] Na vivência contínua do povo que nasce, que chora, que canta, que ri, que dança, que joga, que caça, que nada, que fuma, que bebe, que diz que diz, que adocece, que sofre e que morre” (SOARES, 1979, p. 17).



Fig. 04: Apresentação da Gioconda e do Boi no Bar do Gervásio.  
Fonte: Arquivos do Grupo.

## 2.2 O espetáculo no folclore: sedução pela linguagem (verbal e não-verbal)

O que se observa é que o público contemporâneo “reage” melhor à encenação quando há uma linguagem descontraída, familiar e pitoresca e, ao invés de chorar, prefere rir. O riso parece superar a dor e o sofrimento; parece lavar a alma e aliviar o espírito que clama por paz e harmonia em tempos em que tudo nos aparece de certa maneira virtual ou real, mas fugaz e perene. De tal forma, os elementos (re)criados pelos grupos folclóricos que são apresentados, ao mesmo tempo, levam a platéia ao riso e ao maravilhoso pela ambigüidade de suas significâncias. Baudrillard (1992) afirma que “A estratégia da sedução é a do engano.”<sup>13</sup> Essa reflexão nos sinaliza como acontece nos improvisados gestos, cenas e figurinos dos grupos folclóricos, por exemplo, quando usam artificios como dizer algo engraçado ou prolongar o tempo da sua apresentação, para reter e /ou distrair a atenção do público.

<sup>13</sup> Seduzir é fazer figuras jogar entre si, fazer jogar entre si signos roubados a sua própria armadilha [...] (DA SEDUÇÃO, p. 80-118).

Nesse contexto, pode aparecer a sedução através de um gesto, um comentário, uma coreografia e, até, num improviso pelo jogo de presença-ausência da linguagem, em que elementos da cultura contemporânea como a indumentária, acessórios e movimentos dos personagens levam a platéia à leitura prévia do espetáculo que está por vir. Como vemos nos versos: “Agora, minha gente, dê licença pra entrar um bicho esquisito...”, os cantadores trazem, pela melodia, a imagem da presença da Bernúnça, mas que ainda é personagem ausente na roda, isto é, na brincadeira. Observamos que a tragédia da morte do Boi está cedendo lugar à comédia haja vista a presença de elementos que fazem as pessoas rirem e, que assim, disfarçam o temor à morte e às preocupações cotidianas.

O ato da presença que amolda em si compatíveis e incompatíveis conjecturas, possuindo em todas elas elevado grau de solução e de preparativos a posteriores entrecos, nos induz a considerá-la ora em sua natureza de algo que encerra uma unidade autônoma, ora em seu papel de algo que colabora em uma unidade que transcende, que se expande nos retábulos anteriores, posteriores ou simultâneos, mas ausente da enquadração do nosso olhar” (COUTINHO, 1980, p. 145).

A lenda do Boi é um enunciado pleno de conceitos e palavras míticas que, quando dramatizado, interagirá com o leitor/platéia. Afirma Bakhtin (2003, p. 265), que “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.”

A encenação do Boi de mamão propicia-nos momentos de uso de (meta)linguagens que interagem continuamente. Tais situações, por vezes, apresentam-se de difícil compreensão. Por exemplo, num mesmo acontecimento ou apresentação folclórica é possível perceber mais de um elemento semiótico (na composição do Boi – diferentes cores e formatos de corpo e as alterações na letra da música e maneiras peculiares de chamar o Boi para o centro da roda). Neste espetáculo, vive-se um mundo cheio de signos que podem dizer tudo ou nada dada a subjetividade com que são empregados, conforme dissemos anteriormente. Sobre tais visões ou versões de mundo, Goodman (1995, p. 22-56) diz que:

As ficções – escritas, pintadas ou dançadas - são sistemas de símbolos que apresentam mundos por exemplificação metafórica. Ou, dito mais concretamente, as personagens e acontecimentos de ficção, ao exemplificarem determinadas propriedades, funcionam como sistemas de categorias que procuramos projetar para organizar as nossas experiências posteriores [...]. Os mundos são feitos não apenas pelo que é dito literalmente, mas também pelo que é dito metaforicamente, e não apenas pelo que é dito literalmente ou metaforicamente mas também pelo que é exemplificado e exprimido – tanto pelo que é mostrado como pelo que é dito (GOODMAN, 1995, p. 22-56).

À medida que a difusão cultural amplia seu campo artístico as pessoas envolvidas nesse processo tendem a ampliar sua visão estética, conformando-a com os novos tempos e com um novo espectador. A estética do folclore inovado e reinventado ganha espaço e receptividade entre os que cultivam e apreciam tal manifestação cultural.

Percebe-se que o mesmo Boi apresentado de Norte a Sul possui características próprias dos processos sociais e culturais vivenciados pelo povo de cada região, melhor dizendo, o mesmo Boi apresentado pelo *Grupo Folclórico de Boi de mamão Beco do Beijo*, de Tubarão, não é exatamente o que é apresentado pelo grupo de Franklin Cascaes, de Florianópolis. Nas palavras de Bakhtin (1997), “Em toda a parte a linguagem entra nos arranjos hierárquicos de poder. Cada palavra transforma-se na arena onde competem as entonações sociais.” Tais arranjos, de que fala Bakhtin, se dão pelo jogo de palavras que atuam como figuras polifônicas, já que os personagens atuam conforme a necessidade do grupo, isto é, os personagens não são fixos, pois o cantador ora pode ser o toureiro ora o palhaço e vice-verso. E cada personagem dá ao espetáculo a sua interpretação apropriando-se do improviso e dinamicidade da situação, isto é, um personagem pode ser tantos outros quanto ele quiser. Ainda, nesse universo de linguagem multifacetada, podemos perceber traços dialógicos, na medida em que o personagem (re)cria sua atuação com vistas à receptividade da platéia, ou seja, o diálogo se faz quando o Boi, por exemplo, repete o ato de avançar ou recuar em sua performance animado pelas reações de aplausos ou espanto que vem do público. Tais idéias nos remetem mais uma vez a Bakhtin (1997) que diz “No enfoque polifônico, a auto-consciência da personagem é o traço dominante na construção de sua

imagem, e isso pressupõe uma **posição radicalmente nova** do autor na representação do personagem” ou, ainda, “O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um discurso especial, rege vozes que ele cria e recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabado” (BEZERRA apud BRAIT, 2005, p. 191).

Tal processo polifônico e dialógico presentifica-se nesse espetáculo em estudo, porque os personagens em sua performance veiculam vozes e interagem com as pessoas. Por ser uma manifestação não-verbal, a priori este espetáculo – que tem em sua natureza a reciprocidade de atuação, isto é, há a presença marcante da interação entre personagens e espectadores – está sob constante pressão do uso cotidiano da linguagem verbal (oral e falada). Então, os signos – roupas, música, canção, instrumentos e dança dos personagens (figuras) – compõem-se e recompõem-se, mesclando-se numa fusão de elementos que podem tornar-se ou vir a ser um sistema semiótico vivo, dinâmico e inacabado como sugere mais uma vez Bakhtin (apud STAM, 1992, p. 33) “A realidade da linguagem não é o sistema abstrato das formas lingüísticas, não até o enunciado monológico isolado, mas o evento social da interação verbal. A palavra orienta-se para um destinatário e esse destinatário existe numa relação social clara com o sujeito falante.”

Cabe dizer que os signos mencionados sempre tendem a significar o obscuro, o misterioso, o desconhecido, os dogmas e misticismos – é o caso da cor negra (do urubu), por exemplo - com todas as suas significações de armadilhas e mistérios. Essa reflexão reporta-nos à lenda origem do Boi, pois “[...] em uma noite iluminada pelos raios de luar e das estrelas que o Boi morreu”, questionamos: tal idéia seria coincidência ou prenúncio de um momento trágico por que passaria o dono do Boi e o próprio Boi?

Explicamos que cada personagem humano (toureiro) ou animal (Boi) só atuará como signo lingüístico se for significado, isto é, o tripa<sup>14</sup> carrega em si vozes do Boi que anunciarão sua morte e ressurreição.



Fig. 05: Seu José Marcondes, Montando um Boi para doação.  
Fonte: Arquivos do Grupo Folclórico Beco do Beijo

### 2.3 Folclore: uma arte que transcende e identifica

Embora o folclore seja classificado como arte popular, por deixar marcas de tradições e produções realizadas tanto por pessoas letradas ou não letradas, apresenta-se, fortemente, marcado pelas características inerentes as demais manifestações artísticas, tais como transcendência, autenticidade e universalização.<sup>15</sup> A representação do Boi de mamão pode ser classificada, também, como uma **arte do povo**, uma vez que mantém suas matizes de originalidade, improvisação e por ser uma manifestação que não se destina ao consumo, isto é, não se sujeita à industrialização ou produção de massa o que não se pode constatar no Boi

<sup>14</sup> Chama-se tripa a pessoa que sustenta a armação do bicho ou aquele que brinca debaixo da figura. SHUSTERMAN, 1998, p. 99-142. “[...] as obras de arte populares apresentam, na realidade, valores estéticos que os críticos reservam às artes maiores.”

<sup>15</sup> Tais características justificam-se porque no folclore podemos observar funções como a liberação do “eu”, transformação do “ordinário” em extraordinário, espetáculo e catarse dentre outras.

de Parintins, no Amazonas, que perde um pouco da essência do mito original (o drama da morte e ressurreição do Boi) a cada apresentação ou espetáculo.

Neste sentido, evidenciamos a arte como um “fazer”. “A arte é um conjunto de atos pelos os quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Logo, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, “pode chamar-se artística” como afirma Bosi (1999, p. 13).

Portanto, aparece demarcada a concepção do folclore como manifestação artística. E pensar as manifestações artísticas, particularmente, o Boi de mamão, sinalizamos que já, a partir da montagem do espetáculo, há a dimensão do fazer.

A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. [...] A arte é uma produção; logo, supõe trabalho. O movimento que arranca o ser do não ser a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmos do caos. *Techné* chamavam-na os gregos: modo exato de perfazer uma tarefa, antecedente de todas as técnicas dos nossos dias. (BOSI, 2004, p. 13).

Um fazer que se refaz e se transforma a cada repetição do drama da morte e ressurreição do Boi. Toda atividade realizada pelos personagens, na representação tem uma finalidade: divertir o público e, ao mesmo tempo, perpetuar o lendário mito do Boi<sup>16</sup>.

No âmbito desta questão, podemos afirmar que o fazer do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* apresenta-se como uma manifestação artística na medida em que traz à cena uma das versões do Boi de mamão e, ainda, promove sua propagação ao possibilitar que outros como alunos e professores se insiram no processo de preservação do mito. A estética da recepção de Hans Robert Jauss pode ser percebida no cotidiano e inter(rel)ação do Grupo, também, em sua performance diante dos espectadores que os incentiva na realização e inovação de seu

---

<sup>16</sup> Citamos, por exemplo, a lenda do *Bumba-meu-Boi* pernambucano e *As lendas invadiram o Boi de mamão* (teatro infantil do colégio Dehon), ver anexos.



trabalho. Atualmente, com os produtos que a indústria cultural<sup>17</sup> nos impõe, viver o folclore é uma tarefa árdua que vem sendo feita por esse incansável “fazedor” de Boi de mamão, seu José Marcondes que vive “a arte de saber fazer” e (re)passar para as crianças e jovens a importância de se cultivar o folclore do Boi de mamão ( porque é um dos seus anseios). Além disso, há a questão da padronização da forma, enredo e personagens ao contrário do folclore do Boi de mamão que tenciona a originalidade e a recriação na sua apresentação O cultivo do folclore, também, é anseio de gente que sonha e quer mais acesso à cultura e ao lazer; quer valorização e respeito a sua arte.

[...] O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela ciência e pela tecnologia o seu “Eu” curioso e faminto de mundo [...]; anseia por unir na arte o seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar *social* a sua individualidade. [...] a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias (FISHER, 1987, p. 13).

O mito, atualmente, quando relacionado à linguagem pode supor contradição e /ou alienação, por exemplo, quando se diz que “desejo de grávida deve ser atendido”. O mesmo acontece com a linguagem folclórica, que nos moldes renovados pode distorcer e transfigurar a realidade-verdade dos mitos como a Bernunça que reproduz e representa outros seres devoradores de gente. Podemos dizer que esse personagem (figura) seja uma recriação do dragão chinês (cultura oriental) ou dos monstros marinhos (cultura açoriana) ou do bicho-papão (imaginário popular). No mundo atual, essa Bernunça pode ser qualquer ser que cause anulação ou apagamento da vida humana. Assim, o absurdo normaliza-se na (trans)figuração do mito<sup>18</sup>. A emergência com que os grupos contemporâneos trabalham as situações do cotidiano, assomam-se à luta contra o tempo histórico-social-cultural. Contudo, o tempo tem a

<sup>17</sup> Segundo COELHO (1994, p. 11-12), “[...] a cultura – feita em série, industrialmente, para o grande número [...] Uma cultura que não vale mais como algo a ser usado pelo indivíduo ou grupo que a produziu e que funciona quase exclusivamente como valor de troca (por dinheiro) para quem produz”. Pensamos que o consumo ou apropriação de produtos veiculados pela comunicação de massa podem levar as pessoas a uma certa alienação ou conformismo social.

imponência de apagar e/ou deixar marcas, extinguir e/ou perpetuar e isso nos parece paradoxal.

A estilização excessiva do mito na sua forma original transfigura o ser real; a essência, a norma do princípio da realidade estabelecida. A representação do Boi de mamão, coordenada pelo seu José Marcondes ou a que os grupos de crianças e de tantos outros grupos vai mostrando uma nova estética do folclore, que não se opõe à antiga arte de representação, isto é, a estética do folclore atual esta renovando a estética da arte clássica e ambas completam-se num devir dialético.

Ainda, sob a perspectiva da transfiguração, há o improvisado dos personagens. A improvisação aparece mascarada na escassez de recursos estéticos para a produção, na atuação e montagem do espetáculo e, ainda, na falta de apoio financeiro por parte das instituições culturais locais, contribuindo para tal improvisado.<sup>19</sup> Para animar as crianças e adultos que cultivam o Boi vale utilizar qualquer material para “fazer” o Boi de mamão, porque como fala seu José Marcondes, *in* entrevista: “O espetáculo não pode parar”.

A escassez de recursos transforma sucata em arte e o artesão José Marcondes, Zé do Boi, utilizando pedras de praia, madeira, conchas, argila e criatividade cria e recria formas de representação deste espetáculo, a fim de manter a chama acesa do mito do Boi. O folclore e o mito adaptam-se à cultura contemporânea<sup>20</sup>, apresentando traços, marcas, formas, atitudes, sentimentos e idéias de grupos, especialmente, o *Grupo Folclórico Beco do Beijo* tenta viver, cultivar e perpetuar o mito do Boi de Mamão. Nessa perspectiva, o que ocorre é a resistência da performance folclórica à performance da indústria cultural.

---

<sup>18</sup> A transfiguração do Boi, por exemplo, se dá pela catarse da ressurreição, isto é, quando pelos aplausos da platéia há a aceitação e a constatação de que a vida se (re)faz por meio daquele personagem.

<sup>19</sup> “[...] as apresentações do nosso Grupo é mais um teatro de rua juntando a antiguidade com a modernidade” (JOSÉ MARCONDES, *in* depoimento).

<sup>20</sup> Marcada por conceitos e enfoques que nos levam à improvisação, as questões sociais e cotidianas, à liberdade de criação/produção, caracterizada pelo uso de materiais recicláveis.



Fig. 06: Primeiro Boi, 1994.  
Fonte: Arquivo do Grupo

### 3 ESTUDO DE CASO

#### 3.1 O Grupo Folclórico *Beco do Beijo* da Cidade de Tubarão

##### 3.1.1 Breve histórico

O Grupo Folclórico *Beco do Beijo*<sup>21</sup> de Tubarão, coordenado pelo Sr. José Marcondes, mantém sua arte nas constantes apresentações realizadas nas escolas, instituições, festas, eventos e encontros; perpetuando a essência do mito original e sua significância. Tal idéia é ratificada nas palavras do Sr. José Marcondes, quando questionado sobre sua resistência e persistência nas montagens e apresentações do Boi de mamão.

A idéia do grupo era não deixar morrer a cultura trazida pelos nossos avós há muito tempo atrás. A brincadeira do Boi de Mamão já não tava mais sendo apresentada, por isso, nosso Grupo resolveu levar esta Etnia Açoriana às escolas da região e repassar tudo aquilo que aprendemos as outras pessoas que não tinham conhecimento desta brincadeira. Porque, quando você faz um trabalho com carinho, isto nunca vai morrer. O Grupo Folclórico *Beco do Beijo*, passamos por várias dificuldades, mas não deixamos a peteca cair. Porque nós sabemos se pararmos, quem tem a perder não são os políticos nem os professores, mas sim os alunos que estão entrando nas escolas, hoje, porque se nós do Grupo *Beco do Beijo* parar ou, principalmente, o Zé do Boi parar, pode ter certeza: a cultura de nossa cidade vai perder muito mais”. (Fonte: entrevista, arquivo pessoal).

---

<sup>21</sup> Localizado à rua Benjamin Marcondes, 25; CEP.: 88.702-150; Oficinas, Tubarão – SC; e-mail: <becodobeijo@hotmail.com ou becodobeijo@bol.com.br>. Mais informações sobre esse grupo folclórico podem ser encontradas no SITE: <http://www.geocites/becodobeijo.com.br>.



Fig. 07: Os personagens, maio de 1997.  
Fonte: Arquivo do Grupo.

Ainda, em entrevista, quando perguntado acerca da origem do *Grupo Folclórico*

*Beco do Beijo*, diz Marcondes:<sup>22</sup>

A história de nosso grupo folclórico começou há muito tempo. Desde pequenos meus irmãos e eu gostávamos de brincar de cirquinho e de Boi-de-Mamão. Eu gosto de fazer qualquer personagem nas brincadeiras, inclusive o palhaço. Os meus irmãos Chico, Ana, Berto, Dego e Leta também gostavam de cirquinho e de Boi-de-Mamão, tanto que participavam de todas as brincadeiras. Hoje, o nosso Grupo é conhecido em várias cidades do Sul de Santa Catarina, mas começou a ser o Grupo Folclórico Beco do Beijo só no ano de 1995. Antes era só uma brincadeira familiar. Em 1990, eu e meu irmão Osvaldo Marcondes fizemos um Boi para brincar na Páscoa, e para distribuir balas às crianças carentes. Em 1991, eu, meu irmão Osvaldo e meu amigo Sidnei Corrêa Espíndola fizemos, novamente na Páscoa, um Boi e Nega Mariana. No ano seguinte o grupo aumentou, foram entrando mais pessoas: Dego, Leta, Bertina, meus irmãos, juntamente com minha esposa e filhos. Fizemos Boi, Cabra, Mariana, Urubu e brincamos. Somente na Páscoa de 1993 entraram para nos ajudar

<sup>22</sup> Conhecido popularmente como Zé do Boi, nasceu na cidade de Tubarão, em 11 de maio de 1959; atualmente, é fiscal operacional de segurança da ORCALI – Serviço de Segurança Ltda.; é membro do Conselho Municipal de Cultura de Tubarão, desde 1997; realizou o primeiro grupo de Boi de Mamão escolar na E. E. B. Hercílio Luz, em 1999; no mesmo ano monta o Grupo Folclórico de Boi de mamão da E. E. B. Arino Bressan; ainda nesse período, faz exposição do Acervo Folclórico do seu Boi de mamão ( fotos, notícias, miniaturas, telas, relatos...), no Museu Willy Zumblick, em Tubarão; colaborou na montagem de mais ou menos 15 grupos de Boi de Mamão; realizou palestras sobre o Folclore do Boi de Mamão em várias escolas, entre elas a UNISUL, Tubarão ( nos cursos de História, Geografia, Pedagogia, e Assistência Social); em 2003, participou como palestrante no I Encontro de Segurança Patrimonial do sul do Brasil, nos cursos de Pós-graduação da UNISUL, Tubarão; em 2001, realizou Curso de Montagem de Boi de Mamão para professores de artes de 1ª. a 4ª. série, da Rede Pública de Tubarão (“Três professoras, efetivamente, continuam o trabalho de representação do Boi de Mamão na escola”, garante seu José Marcondes); em 2001 participou e recebeu troféu de melhor artesão, no VIII AÇOR, São José, SC; recebeu indicação para premiação de folclorista, no XIII AÇOR 2006, que acontecerá em Laguna, SC; outra indicação para representar o estado de SC, no Encontro Internacional de Bonecos, que acontecerá em agosto, deste ano. Nota-se a magnífica atuação dessa pessoa no que diz respeito a manutenção e cultivo do Boi de Mamão Açoriano, por isso, podemos referendá-lo como um “artesão folclorista”.

os meus amigos Silvério Corrêa Espíndola e José Titon. No ano de 1994 continuamos a fazer a brincadeira, mas com todos os bichos do Boi-de-Mamão. Meu irmão João Batista Marcondes trouxe lã da vila Padre Itamar, e um puxador de canto muito bom, que é conhecido como Tadeuzinho, Tadeu Amorim Virgino. Em 1995, meu irmão Osvaldo Marcondes deu ao nosso grupo o nome de Grupo Folclórico Beco do Beijo. A partir daí, passamos a ser conhecidos em vários colégios, igrejas, centros comunitários de Tubarão, em Criciúma, Içara e Próspera e Capivari de Baixo. Nos anos seguintes continuamos mais fortes e fazendo mais apresentações. Nós dançávamos, o pessoal que nos assistia, pedia para que nós voltássemos a nos apresentar no ano seguinte. Isto é muito bom e gratificante, porque sabemos que nosso trabalho agrada e traz alegria. Depois de tantos anos, estamos sendo reconhecidos pela Prefeitura Municipal de Tubarão, por intermédio do Presidente da Câmara de Vereadores, o Vereador Pedro Ferreira que está tornando o nosso grupo de utilidade pública, a quem somos muito gratos.

Continuando a História do Grupo Folclórico Beco do Beijo, hoje contando comigo, José Marcondes, com Silézio Corrêa Espíndola, Osvaldo Marcondes, José de Souza Titon, João Batista Marcondes, Tadeu Amorim Virgino que fazia parte do Boi-de-Mamão do Morrotes, Volnei Vieira Machado, outro cantor juntamente com Izelda Rosa Marcondes, Flávia da Silva Marcondes, Rut Neves Espíndola, Aroldo Frasson e Zenair da Silva. Contando crianças e adultos o nosso grupo atualmente tem 37 pessoas. As crianças são filhos dos pais que brincam o Boi-de-Mamão em nosso grupo e, assim, formamos uma grande família. Em março de 1997 foi formada uma diretoria para cuidar e organizar o nosso grupo. Meu irmão Osvaldo Marcondes faleceu em 13 de fevereiro de 1996. A diretoria, então, ficou assim: Presidente José Marcondes, Vice-Presidente Silézio Corrêa Espíndola, Primeiro Secretário Volnei Machado, Segunda Secretária Bruna da Silva Marcondes, Diretor Artístico José Souza Titon, Primeiro Tesoureiro Antônio Marcondes, Segundo Tesoureiro Jucemar Silveira, Diretor de Desenho e Montagem Valderi das Neves, Presidente do Conselho Fiscal Tadeu Amorim, e integrantes do Conselho Flávia da Silva Marcondes, Izelda Rosa Marcondes, João Batista Marcondes, Rut Neves Espíndola e Aroldo Frasson. Com a morte de meu irmão, que era meu braço direito, eu pensei em desistir, mas o nosso grupo era, e é, muito unido e vieram todos e me falar: “Não nós não vamos parar, porque era uma coisa de que ele gostava.” Então, o presidente do centro comunitário Fábio Silva nos cedeu gentilmente uma sala e o salão para que nós ensaiássemos e guardássemos nosso material e os bichos. Ficamos por uns quatro meses lá no Fábio Silva, até que a gente se sentisse um pouco aliviado da dor que sentíamos com a perda do irmão e companheiro Osvaldo Marcondes, mais conhecido como “Vardo”. Mas, voltamos para nossa casa e continuamos com as apresentações, cada vez melhores. Dançamos de maio a janeiro de 1998. Nesse ano, tocamos algumas vezes na Unisul, para ilustrar trabalhos universitários sobre História e Folclore. Fomos convidados pela Professora Ruth Vieira Nunes e a Professora Deise S. Eloi de Farias para representar a Unisul e a cidade de Tubarão no Encontro Folclórico na cidade de Porto Belo, no ano de 1999, no 6º AÇOR. O nosso grupo aceitou o convite e deu um belo show. Todos os presentes naquela oportunidade ficaram encantados com nossas apresentações. Começamos o ano 2000 fazendo a abertura do carnaval de Tubarão. Nosso grupo é o único desta cidade que tem um representante na diretoria eleita para comandar a cultura em nossa cidade.

Como se vê no depoimento acima, o Grupo sustenta-se com seus próprios recursos e conta com o apoio e simpatia das pessoas da comunidade por aonde vai se apresentando. Para diminuir o gasto com a manutenção e transporte dos bonecos (personagens), é de costume passar uma “sacolinha” a fim de arrecadar alguma contribuição

do público. Atualmente, o Grupo conta com o incentivo e parceria da TRACTEBEL Energia<sup>23</sup> que custeia as despesas do grupo, quando solicitada. Quando convidado, o Grupo sempre se dispõe a realizar apresentações como ocorre, anualmente, na festa de AÇOR.<sup>24</sup>

O diferencial desse Grupo se dá pelo processo de criação, montagem e encenação do drama da morte e ressurreição do Boi, percebido pelas mudanças e inovações a cada apresentação do espetáculo quer no uso de indumentárias (dos personagens) quer na introdução de acessórios que acompanham os personagens quer na improvisação da cantoria quer nas diferentes coreografias. Enfim, a dialética da transformação e constante mudança é estabelecida. A criatividade, improvisação, interação, alegria, inovação e preservação são palavras que fazem parte do vocabulário desse Grupo seja na escolha do material para a confecção dos bonecos e personagens seja na disposição para atuar aonde forem solicitados.

Como foi mencionado em um dos tópicos anteriores, os personagens não são fixos na encenação do Boi de mamão. Verificamos que em sua performance, por exemplo, o próprio Sr. José Marcondes atua como toureiro, palhaço, cantador e pai Mateus. Essa dinâmica ocorre com todos os componentes do Grupo, porque a encenação do Boi de mamão assemelha-se ao teatro de rua.

### **3.1.2 Elementos formadores do espetáculo**

#### **3.1.2.1 Os bichos: protagonistas do espetáculo**

Embora o Grupo busque a renovação da encenação, introduzindo elementos do cotidiano, principalmente açoriano, notamos ainda marcas de elementos do auto

---

<sup>23</sup> Empresa de energia elétrica. Antes ELETROSUL, Usina Termoelétrica Jorge Lacerda. Está localizada no município de Capivari de Baixo, SC. Para mais informações sobre a empresa visite o SITE: <<http://www.tractebelenergia.com.br>>.

<sup>24</sup> Festa da Cultura Açoriana, realizada anualmente, em local e data marcada pelos participantes dessa associação.

pernambucano (de origem africana)<sup>25</sup> como as cantorias, o ritmo, o tipo de instrumentos (pecurssão) e o colorido das roupas. Pensamos que a essência africana vai mesclando-se com as inovações açorianas; logo, a indumentária escrava transforma-se em traje caipira (do pai Mateus) e a (trans)figuração do curandeiro (Gioconda em benzedeira e vice-verso); também, a letra da cantoria sofre modificações como diz o Sr. José Marcondes, *in* entrevista: “A letra da canção original era um samba versado muito difícil se ser cantada e de ensinar as crianças nas escolas.”

Vejamos alguns bichos recontados pelo Grupo:

**BOI:** É o personagem central (protagonista) de toda a brincadeira por se tratar do mito. O Toureiro mata o Boi, depois de o ter laçado. O Boi fica caído, morto e entra o Urubu, o Cachorro, o Pai Matheus e o Doutor. O Cachorro tem o papel de afugentar o Urubu que começa a beliscar o Boi. Pai Matheus tenta reanimar o Boi, mas não consegue. O Doutor, vendo que o Pai Matheus não teve sucesso, começa sua brincadeira com ares de embriagado. Então, começa a avaliar a situação do Boi, fazendo suas palhaçadas (o Boi, também, faz atrapalhadas como balançar o rabo para cima e para baixo). Logo, o Doutor abre a sua mala, pega uma seringa e a aplica no “bumbum” do Boi. O Urubu e o Cachorro continuam brigando até que o Boi dá sinal de vida. Os cantores recomeçam a cantar e os personagens deixam a arena.

---

<sup>25</sup> Por exemplo, a permanência da nega Mariana, nos reporta à escrava negra Catirina, mulher do escravo Chico. Também, o protagonista do auto, o Boi, e o seu drama, permanece intocável. Esses, personagens da lenda *Bumba meu Boi*, contada por Joel Rufino, e do Boi de Pernambuco, cuja origem é africana. Ver a lenda em anexos dessa pesquisa.





Fig. 08: O Boi, dezembro de 1998.  
Fonte: Arquivo do Grupo.

**BERNÚNCIA:** Animal com corpo de dragão chinês, de boca grande e móvel que representa a figura do bicho-papão. Assim, na brincadeira, procura engolir as criancinhas que ficam assustadas. No norte do estado, recebe o nome de Barão.

A bernúncia, por ser um bicho grande<sup>26</sup>, tem como objetivo tirar a atenção do público. Trata-se de um bicho meio estranho, pois é uma mistura de vários bichos; brinca lentamente e, então, surge o urso amarrado pelo Toureiro, correndo para dentro da arena e assustando todo mundo que está observando a brincadeira. O Urso está furioso, assusta, rola pelo chão, dá cambalhotas, faz suas estripulias, sempre seguro pela corda amarrada na sua cintura. Entra o Domador para acalmar o Urso que pega uma criança e coloca na bocarra da bernúncia. Em seguida, aparecem as bernuncinhas (“paridas” pela bernúncia).

<sup>26</sup> “No ano de 1923, Felipe Roque de Almeida, preto sem jaça, fãmulu que foi durante muitos anos do meu saudoso tio e amigo Joaquim Xavier de Oliveira Câmara, cozinheiro à época da Turma de Reconstrução da Linha Telegráfica, introduziu na dança do boi, na cidade de São José, a bernúncia, novidade por ele trazida dos sertões de Itajaí, do Norte, enfim, como dizia o Felipe” (Souza, Álvaro Tolentino de. “A bernúncia: A sua origem.” **Boletim Trimestral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore**. Florianópolis, ano 2, n. 5, p. 34-37, set. 1950). Para saber um pouco mais ver SITE. Disponível em: <<http://jangadabrasil.com.br/revista/setembro70/fe70009a.asp>>.



Fig. 09: Bernúncia e filhotes, dezembro de 1998.  
Fonte: Arquivo do Grupo.

**CABRINHA:** Entra a Cabrinha, chamada pelos músicos. A Cabrinha começa fazer sua apresentação, brincando ao redor da arena. Em algumas situações, ela chega perto do público. Os cantores chamam outra vez o Toureiro que, novamente, faz as mesmas brincadeiras. Vendo o trabalho que o Toureiro passa com a Cabrinha, os cantores chamam, então, o Cavalinho que faz a mesma brincadeira que foi feita com o Boi.

Depois de laçada, a Cabrinha fica mais calma e, junto com os outros bichos, sai da arena.



Fig. 10: Cabrinha, 1994.  
Fonte: Arquivo do Grupo

**NEGA MARIANA E NEGO MARIANO:** É o casal que tem a função de arrecadar donativos em meio aos espectadores, durante as apresentações do Grupo.

Por serem personagens muito divertidos, todo cuidado é pouco na brincadeira com a Nega e o Nego Mariano (muitas vezes são puxados e “pixados” pelos espectadores, geralmente, crianças). A Mariana dança e roda ao redor da arena sempre acompanhada pelo Nego Mariano. Enquanto a Nega faz suas atividades perante o público, entra na arena uma mulher vestida de Prenda. A finalidade da Prenda é pedir ao público que contribua com o que puder para a manutenção do Grupo. A Prenda, junto com o Nego Mariano, leva a cestinha aos que estão presentes. Esses dois personagens são a última parte da brincadeira. Então, os cantores e os músicos chamam todos os bichos e personagens para dentro da arena e juntos agradecem ao público dançando e brincando.



Fig. 11: Nega Mariana (grávida) e Nego Mariano, dezembro de 1998.  
Fonte: Arquivo do Grupo.

Além desses personagens (figuras), aparecem outros bichos como o **cachorro**; o urso (animal estranho ao meio açoriano, representando, exatamente, a figura do indivíduo desleal, que nunca é bem-vindo); o **cavalinho** (é a homenagem ao bom laçador, ao vaqueiro, que corria as paragens litorâneas, conduzindo as tropas, as manadas de gado); o **urubu** (importante na higienização das comunidades, estava sempre presente para devorar os restos dos peixes e animais que eram abatidos ou que morriam) entre outros.

### 3.1.2.2 Os personagens-humanos:<sup>27</sup> elementos em constante rotação

Produzidos pelo imaginário mítico e conformados pelos valores sociais e culturais de cada região, os personagens (humanos) mesclam-se com os bichos e animam os espectadores com suas performances. Variadas são as formas de sua representação, posto que, cada um deles, configurado são apresentados sob nova versão ou acrescidos de novos

<sup>27</sup> São os personagens que não são bichos, pessoas que completam a performance do espetáculo do Boi de mamão. Entre eles, o pai Mateus, o Doutor, a Gioconda, o Palhaço, o Cavaleiro, os instrumentistas e os cantores com o coro de vozes, as Catarina (homens vestidos de mulher), o filho do nego e da nega Mariana e a criança que é devorada pela Bernúncia.

elementos lingüísticos e estéticos, auxiliando na performance uns dos outros, qualificando conceitos e valores que poderão ser assimilados e apropriados pelo público presente.

Os seres sobrenaturais, ou seja, os bichos quando acompanhados pelos personagens humanos, ganham a chance de ressurgir ou voltar à vida como é o caso do Boi, a fim de que seja garantida e perpetuada a idéia de imortalidade do mito. Os personagens humanos não são fixos na encenação do Boi de mamão, como já dissemos em tópicos anteriores.

Vejamos alguns deles:

**Toureiro:** Carregando um pedaço de pano vermelho, entra em cena, fazendo coreografias que nos lembram as touradas, pois o Boi entra na sua brincadeira.

**Mateus:** Diferente do auto pernambucano, nesta representação, é o personagem que mata o Boi. Os cantores o chamam com os seguintes versos “Onde está o pai Mateus, onde é que ele está, venha cá e mata esse Boi.” Mateus aparece com um enorme facão, fazendo sua coreografia junto ao Boi, em seguida, mata o Boi. Logo, os cantores entoam: “O meu Boi morreu. O que será de mim, manda buscar outro, ô maninha, lá em Imaruí.”

**Doutor:** Representado por um médico um tanto atrapalhado e bêbado, entra em cena, trazendo a maleta e uma enorme seringa, para curar o Boi. Enquanto o Doutor faz a sua performance, um dos cantores (Chamador) mantém a atenção das pessoas através de comentários sobre a atuação do médico, por exemplo, “Ô, doutor, anda logo, cura esse Boi.” Ele faz várias tentativas engraçadas no ato de cura do Boi, todas sem sucesso, conseguindo aplausos e risadas da platéia. Então, chama a Gioconda para ajudá-lo.

**Gioconda:** Aparece sob a forma de mulher do pai Mateus ou do padre em outras regiões. Mas neste Grupo, aparece como curandeira ou benzedeira. Veste uma máscara ou não, depende da ocasião. Então, faz a sua performance e cura o Boi.



Fig. 12: Cavaleiro com o cavalinho.  
Fonte: Arquivo do Grupo.

**Cavaleiro:** Aparece para laçar e levar o Boi ressuscitado embora, depois de ser chamado com os seguintes versos “Ô, meu cavaleiro, venha laçar e levar esse Boi.”

Além deste, há outras pessoas que de modo direto ou indireto contribuem para o sucesso deste espetáculo como o filho da Mariana e do Mariano, as bernuncinhas, a criança que a Bernúncia engole, as Prendas e as Porta-bandeira. Todos os personagens (humanos) são comandados pelos cantadores e seguem uma ordem de entrada e saída na cena. Obedecendo, assim, a estrutura do enredo ou lenda original, que vai sendo (co)cantada.



Fig. 13: Porta-bandeira, 1995.  
Fonte: Arquivo do Grupo.

### 3.1.2.3 Indumentária

A roupa utilizada pelos personagens é uma das atrações da apresentação. Os trajes trazem materiais coloridos e vivos como lantejoulas, purpurina e glitter ou material rústico como esponja. Os personagens (Boi, Gioconda, Toureiro, a Bernúncia, Mariana etc.) costumam mudar de roupa quando das apresentações que se seguem. Notamos que o urubu, o urso, o macaco e o cachorro são figuras atrativas não pela sua indumentária, mas pelas brincadeiras que executam.

### 3.1.3.4 Acessórios

É interessante lembrar que dos elementos inovadores ou renovados apresentados nesse espetáculo uma grande parte é formada pelos acessórios, por exemplo, os fogos de artifício que encantam e causam alegria e admiração na platéia, quando da ressurreição do Boi. Há as máscaras engraçadas ou horripilantes, usadas pela Gioconda e pelos palhaços; as bandeiras e estandarte que as Prendas carregam anunciando a chegada do Grupo; a seringa de tamanho exagerado que o Doutor usa na tentativa de curar o Boi - o que causa o riso nas crianças e adultos que se deixam seduzir pela brincadeira; o facão de madeira, usado pelo pai Matheus para matar o Boi etc. Cada acessório, apesar de simples e improvisado para a ocasião, enriquece e dinamiza a apresentação dos personagens, tornando-se por vezes o elemento surpresa que encanta e seduz as pessoas.



Fig. 14: Filho da Mariana e Mariano, chupa-cabra e tocadores, apresentação da Associação da Rede Ferroviária, dezembro de 1998.  
Fonte: Arquivo do Grupo.

### 3.1.2.5 Os instrumentos e a cantoria

As inovações presenciadas no mito do Boi de mamão, local, podem ser percebidas nas letras das cantorias. Os cantadores através de seus instrumentos dão vida, movimento, ritmo e cor, juntamente com os outros elementos, citados antes, à encenação da morte e ressurreição do Boi. Os instrumentos e a cantoria marcam a entrada de cada personagem. Cada bicho ou personagem humano tem o seu (en) canto<sup>28</sup> como se observa nos exemplos a seguir extraídos do *site* do Grupo:

<sup>28</sup> Para ver a letra dos cantos, visitar o SITE do Grupo Folclórico de Boi de mamão Beco do Beijo.





Fig. 15: Grupo de Cantor se apresentando no Bar do Gervásio.  
Fonte: Arquivos do Grupo.

### **CANTO DE ENTRADA**

A folha do limoeiro tem cheiro de limão  
Morena me dá um beijo que te dou meu coração  
(Repete 2 Vezes)

Ó dono da casa dá sua licença  
Pro meu Boi brincar na sua presença  
(Repete 2 Vezes)

A nossa bandeira já está passando  
Pra identificar quem está brincando  
(Repete 2 Vezes)

## Canto para o Boi

	Todos (Tripa)
Onde está o Toureiro	É Boi
Onde que tu tá	É Boi
Venha no terreiro	É Boi
Que é pra ti brincar	É Boi
Toque o berrante	É Boi
Que é pro Boi entrar	É Boi
Onde tá o meu Boi	É Boi
Onde ele foi	É Boi
Venha no terreiro	É Boi
Venha bem ligeiro	É Boi
Que é pra ti brincar	É Boi
Me espalha essa gente	É Boi
Que Toureiro mole	É Boi
Dança abaixadinho	É Boi
Que é pra nós brincar	É Boi
Ó meu pai Matheus	É Boi
Me ajuda o Toureiro	É Boi
Ó meu Cavalinho	É Boi
Me faça esse boi	É Boi
Ele tá muito bravo	É Boi
Ele vai te pegar	É Boi
Ó meu pai Matheus	É Boi
Me mata esse Boi	É Boi

Continuação do Canto do Boi  
 O meu boi morreu, que será de mim  
 Vamos buscar outro maninha lá em Imaruí  
 (Repete 2 Vezes)

### CANTO PARA A CABRINHA

Onde tá a minha Cabra  
 Onde ela tá  
 Venha no terreiro  
 Que é pra ti brincar  
 Ela vem rolando  
 Ela vem do mar  
 Que Toureiro mole  
 Atropele o Toureiro  
 Que Cabra brava  
 Que ela está  
 Ó, meu Cavalinho  
 Onde que ele foi  
 Venha laçar a Cabra  
 Pra levar embora

Todos (Tripa)  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra

É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra  
 É Cabra É Cabra

Observação

O cantor pode acrescentar mais alguma coisa conforme a brincadeira

### CANTO PARA A BERNÚNCIA

Cantor  
 A minha Bernúncia  
 Aonde ela ta  
 Venha no terreiro  
 Que é pra ti brincar  
 Cuidado criançada  
 Ela pode te pegar  
 Este bicho é bravo  
 Pode te agarrar

Urso  
 Cadê o meu Urso  
 Onde que ele foi  
 Venha no terreiro  
 Venha bem ligeiro  
 Que é pra animar  
 Pega esta gente  
 Que é pra nós brincar  
 Dê uma roladinha  
 Que é para animar  
 Macaco  
 É o meu Macaco  
 Onde que ele foi  
 Ele foi brincar  
 Ele foi pular  
 Ele vem rolando  
 Ele vem do mato

Todos (Tripa)  
 É Bernúncia  
 É Bernúncia  
 É Bernúncia  
 É Bernúncia  
 É Bernúncia  
 É Bernúncia  
 É Bernúncia  
 É Bernúncia

É Urso É Urso  
 É Urso É Urso



E retire devagar  
Tchau, Tchou, Tchou...

Não deixa a barca rolar  
Não deixa a barca rolar

As versões das cantigas anteriores ganham vocabulário do cotidiano, como observamos em um dos versos da cantoria da morte do Boi: “[...] manda buscar outro lá em Imaruí” (substituindo Piauí). Convém lembrar, novamente, que a estética da recepção faz-se presente pela interação entre espectador e personagem. Afirma Jauss (apud LIMA, 2002, p. 128) “O leitor/espectador imprime contornos, significados outros, ao texto/produção artística apreendidos pela recepção/interação, abrindo um campo semiótico entre produção/produtor/espectador numa infinita rede de ações interativas, porque “O sujeito da produção e o sujeito da recepção não são pensáveis como sujeitos isolados, ma apenas como social e culturalmente mediados, como sujeitos ‘transubjetivos’.”

### 3.1.3.6 Materiais

Os materiais utilizados para a confecção dos personagens são aqueles que se prestam à improvisação, na maioria das vezes, retalhos de pano, papel, linhas, tecidos brilhantes, espumas, arames, madeira etc. São leves e práticos para que possam ser transportados e fáceis de serem substituídos ou consertados como os que são usados na construção do Boi.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> A construção passo-a-passo dos personagens encontra-se no SITE [www. geocities.com /becodobeijo/br](http://www.geocities.com/becodobeijo/br)



Fig. 16: Teatro (2002).  
Fonte: Arquivos do Grupo.

### 3.3 Reflexões sobre as vozes sociais anunciadas no espetáculo do *Grupo Folclórico Beco do Beijo*

A origem da criação de mundos, a cada nova versão ou introdução de elementos lingüísticos e estéticos trabalhados na montagem de um personagem ou de uma cena, qualifica conceitos e valores que poderão ser assimilados e apropriados pelos espectadores. A necessidade de utilização de tais elementos conduzem ao elemento mágico e a uma realidade que somente será atingida pela materialização de entes auxiliares portadores de significados múltiplos, pois cada espectador o receberá mediante seu nível de leitura de mundo e participação na vivência folclórica.

Verificamos a multiplicidade de vozes que interagem, conformando o texto (espetáculo de teatro) em personagens reais e atuais. O Boi, em sua performance, encanta o público quando assume vozes como a de um boi valente ou / e brincalhão, isto é, ora torna-se

valente, intempestivo e feroz ora torna-se brincalhão, dócil e faceiro. Como diz seu José Marcondes (*in* entrevista): “O nosso Boi é pra brincar e não para causar medo”.

O processo de representação da vida, morte e ressurreição do Boi de Mamão nos reportam as vozes sociais mascaradas por questões de preconceito racial, religioso e cultural como, por exemplo, o “Pajé”, a “Gioconda” e o “Doutor”, mencionados anteriormente. Cada um desses personagens tem o papel de ser porta-voz de uma voz social. Surge daí a necessidade de utilizar elementos que nos conduzam aos elementos mágicos, ao sobrenatural, a uma realidade que somente será atingida pela materialização de seres míticos auxiliares portadores de significados múltiplos e cada espectador o receberá mediante sua leitura de mundo e participação na vivência folclórica. É o que ocorre, por exemplo, quando “Gioconda” participa da cura do Boi, usando gestos e fogos de artifício que nos impressionam. A cada nova versão ou introdução de elementos lingüísticos e estéticos, trabalhados na montagem de um personagem ou de uma cena, qualificam-se conceitos e valores que poderão ser assimilados e apropriados pelos espectadores.

À medida que nos apropriamos da palavra e a utilizamos nos seus variados significados, neste caso, as versões do Boi de mamão que observamos seja na construção dos elementos que formam essa lenda seja na sua representação. Tais versões podem ser agentes transmissores de verdades e /ou mentiras. Podemos perceber um significado ou uma idéia não-dita no que os personagens se propõem a dizer. Por exemplo, na introdução da curandeira ou mãe de santo (a Gioconda), que nos certifica o resgate da cultura negra neste auto de caráter açoriano. Evidenciamos que o mito na linguagem concebe e valida significações.

Nesse sentido, o *Grupo Folclórico Beco do Beijo* nos abre as portas para a análise de mitologias acerca do comportamento social e cultural frente ao cultivo do folclore. Através de seus personagens, tenta denunciar injustiças e preconceitos existentes na sociedade e procura anunciar a importância de se preservar e cultivar a arte do povo como por exemplo o

folclore do Boi de mamão. As vozes presentes neste espetáculo, ainda que repleta de improvisos, denotam singularidades como o saudoso palhaço que traz à cena momentos inesquecíveis de nossa infância; o nego Mariano e a nega Mariana que nos reporta a necessidade de união e fortalecimento dos casais e o Doutor nas peripécias médicas para revigorar a saúde da população.

Ainda, outras vozes podem ser apreendidas na encenação desse auto. Por exemplo, tomemos como objeto de estudo a direção mítica ou religiosa. Segundo a crença religiosa católica:<sup>30</sup> “E morrendo que se vive para a vida eterna”. Tal perspectiva realiza-se neste auto do Boi de mamão, que guarda características religiosas-cristãs fortemente católicas como a morte do Boi e sua ressurreição. Nesse contexto mítico-religioso, a imortalidade do Boi é alcançada a cada montagem ou repetição do espetáculo. E no Boi, presentificam-se outros mitos de ressurreição como o de Lázaro (amigo muito querido de Jesus): “[...] já estava Lázaro com quatro dias de sepultura [...] Saiu incontinente o que estivera morto [...] Lázaro apareceu, sem vestígio de moléstia, nem de decomposição [...] Tiraram o luto e se vestiram de festa” (ROHDEN, 1982, p. 73-78). Ou a fabulosa lenda da Fênix: “Quando sentia avizinhar-se a morte, construía um ninho de plantas aromáticas, que os raios do sol incendiavam, e nele se deixava consumir. Da medula dos ossos nascia então um verme que se transformava em outra Fênix” (VICTORIA, 2000, p. 54). E o próprio Jesus Cristo: “Não temais sei que procurais a Jesus, o crucificado; não está aqui; ressuscitou como disse [...]” (ROHDEN, 1982, p. 235).

Nesse processo de novas vidas, recordamos, ainda, a figura da Mariana (entre outras versões Maricota, Catirina e tantas outras personagens mulheres presentes nesse folguedo) grávida, gerando um ser diferente e novo (o filho – personagem humano branco) nos remetendo ao fabuloso Macunaíma<sup>31</sup>. Também, a Bernúncia faz o processo de geração (quando dá crias). Observamos a manutenção de valores sócio-culturais e éticos, como a

---

<sup>30</sup> A fé em Cristo Jesus que nasceu, viveu e morreu para a redenção dos pecados da humanidade.



mulher geradora de vida e formadora da instituição que chamamos de família. É a voz da Catirina grávida da lenda pernambucana; o arquétipo da primeira mulher (Eva) e a tendência de (in)fundir valores espirituais míticos de renovação e manutenção da vida e da sociedade. São as gerações dialogando, integrando-se e se encontrando na dinâmica do folclore como vem ocorrendo nas participações de crianças nos grupos de Boi de mamão (neste espetáculo a geração passada - os idosos - convive com a geração presente - crianças e jovens).

Enfim, a voz marcante de seu José Marcondes (Zé do Boi), trabalhador incansável, pai de família, amigo confiável, fazedor de arte(sanato) e folclore - homem do povo, que atualmente resiste as dificuldades da “vidarte” contemporânea. Estranhamente a vida se (re) faz, através desses signos. Cabe dizer que esses sentimentos nos ligam de algum modo a vivência espiritual ou sobrenatural do mito presentificado em cada uma das vozes desses personagens que fazem uso da polifonia e dialogia<sup>32</sup> em sua atuação. Não queremos fazer apologias aos signos míticos, mas reforçar sua dimensão catártica: podemos dizer que é ressuscitar; é libertar-se; é purificar-se; é transfigurar-se; é buscar a perfeição da forma e do ser – como a lagarta que ganha asas para voar nas alturas e (re)fazer-se na vontade de perpetuação da espécie mortal que apresenta-se frágil, ameaçada de extinção e aniquilamento. Ainda, almeja-se um sopro de vida, apenas um sopro de vida para que nos sintamos em comunhão com o “Céu”, aqui, na Terra.

---

<sup>31</sup> Personagem que traz em si a mistura étnica brasileira. Para saber mais sobre esse personagem, ver a obra *Macunaíma* de Mário de Andrade.

<sup>32</sup> Ver os conceitos em Bakhtin, Mikhail Volochinov. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 1997, São Paulo, HEUCITEC.



Fig. 17: Teatro “A lenda do Bumba meu boi”, 2001.  
Fonte: Arquivo pessoal.

### 3.3 O Boi de mamão no contexto escolar

Além de coordenar o *Grupo Folclórico Beco do Beijo*, Sr. José Marcondes arruma tempo para trabalhar com artesanato, pintura e, também, divulgar e promover encontros, cursos, palestras, oficinas de montagem do Boi em variados lugares<sup>33</sup> como em escolas que têm interesse em cultivar o mito do Boi de Mamão. A primeira escola de Tubarão a realizar um grupo de Boi de mamão com a orientação desse Grupo foi a Escola Estadual de Educação Básica Hercílio Luz e, em seguida, a Escola Municipal de Educação Básica Arino Bressan que continuam o trabalho de seu José Marcondes anualmente nas apresentações do próprio Grupo de Boi realizadas nas festas juninas da escola ou em outros eventos, quando solicitados. Mais tarde, muitas outras sucederam-se. Verificamos que na maioria das escolas

<sup>33</sup> Festa de São José Operário, Oficinas, 2001; Festa das Crianças, na rua São Geraldo, Oficinas, 2002; Feira na Casa dos Artistas, Criciúma, 2002; Exposição na UNISUL, Tubarão, na Semana do Folclore, 2005; montagem do Grupo Folclórico de Boi de mamão da E. E. B. Monte Castelo, atualmente, E. E. B. Arino Bressan, 1998; oficina de Boi de mamão, Colégio Dehon, 2001.

de Tubarão seja Rede Pública seja Rede Particular, as crianças conhecem o Boi de mamão do *Grupo Folclórico Beco do Beijo*.

Da importância, influência e contribuição que o *Grupo Folclórico de Boi de mamão Beco do Beijo* nos lega, registramos os trabalhos realizados em sala. Por exemplo, dramatização e teatro sobre a lenda do Boi. Também, o depoimento e entrevista de professores e alunos que vivenciam o trabalho de preservação do folclore na escola. Quando questionamos sobre a importância do trabalho deste Grupo folclórico, representado na pessoa do Seu José Marcondes junto à escola, emergiram algumas respostas de professores tais como: “É importante, porque há envolvimento de todos na escola para que se resgate a cultura popular”, “A escola é o lugar onde a educação formal se concretiza [...] seria, no mínimo, desinteressante não considerar a Boi de mamão como parte de nossa história”. No que diz respeito ao ensino e aprendizagem, também, a representação e atuação desse Grupo deixa suas marcas. Foi perguntado para professores se consideravam que a encenação da morte e ressurreição do Boi, influenciava no ensino e aprendizagem dos alunos. Alguns disseram que: “Sim, quando se faz um resgate da cultura popular, o aluno faz aprendizado simultâneo da história e a valoriza mais” outro concordou que “Sim, é importante para agregar valores positivos de nosso folclore; é um forte instrumento na construção de um projeto interdisciplinar.”

As escolas, de um modo geral, fortalecem a idéia de preservação do folclore, quando trabalham sobre o tema seja como data comemorativa (22 de agosto) seja como tema transversal. Tal atividade pedagógica, ganha maior dimensão quando vivida na prática enquanto grupo de Boi de mamão, montado com os alunos da escola, por exemplo. Mesmo que a participação dessas crianças na brincadeira do Boi seja motivada pela recre(i)ação e tão pouco pelo conhecimento folclórico que este auto oferece. Ao usarmos o Folclore como palavra “geradora” no contexto escolar, abrimos um espaço semiótico de signos que podem

ser aproveitados no processo de ensino e aprendizagem. Nesse campo, encontra-se uma riqueza de gêneros textuais para a apropriação da escritura e leitura como as lendas e parlendas, contos, provérbios, anedotas, adivinhas, brincadeiras, brinquedos, jogos etc. Tais textos, se vivenciados e (re)produzidos, são recursos facilitadores para a produção de outros textos e leituras significativas. Além disso, podemos lembrar o valor semântico das palavras e expressões, que ampliam o vocabulário do aluno. Somente a montagem da brincadeira do Boi de mamão já é conteúdo suficiente para se traçar um caminho para a construção de um projeto pedagógico significativo.

Notamos que as escolas mudam depois que José Marcondes as visita com seu espetáculo e projeto de montagem de Boi de Mamão, porque elas continuam o trabalho de resgate e cultivo do folclore, na medida em que, especialmente, organizam eventos e montam seu próprio grupo folclórico de Boi de Mamão (e já são muitas). Das escolas particulares, citamos o trabalho realizado no Colégio Dehon, um teatro<sup>34</sup> realizado em comemoração à Semana do Folclore, em agosto de 2002. Entretanto, focalizamos a E. M. E. B. Arino Bressan<sup>35</sup> por ser professora dessa escola e porque, ainda, como tal continua o trabalho que iniciou com o Sr. José Marcondes - preservar o grupo de Boi de mamão – montado em 1998. Para isso, apresenta-se em eventos quando solicitada e, especialmente, na Festa do Folclore realizada todo ano na própria escola.

---

<sup>34</sup> Teatro que apresenta como pano de fundo a morte e ressurreição do Boi de Mamão; através da improvisação, contrastes e fusão dos mitos brasileiros, dá uma nova versão para a lenda original. A recomposição do enredo ilustra e focaliza vários aspectos do folclore, especialmente, os mitos mais admirados e conhecidos do público infantil como o Boi, o saci, o lobsomen, o curupira e as sereias que (en)cantam a música do hit da criançada: “To nem aí, tô nem aí...”. Enfim, este conto ganha uma dimensão estética contemporânea, calcado na inovação e fusão de elementos, também, característica da estética da recepção, como na encenação do Boi de mamão de seu José Marcondes. Ver texto integral em anexos.

<sup>35</sup> E. M. E. B. Arino Bressan, anteriormente denominada E. E. B. Monte Castelo, situada no bairro de Monte Castelo, Tubarão, cito à rua José Bressan, no. 253, fundada em 1981.



Fig. 18: Entrega do primeiro Boi a E. E. B. Monte Castelo (atualmente, E. E. B. Arino Bressan), 2002.

Fonte: Arquivos do *Grupo Folclórico de Boi de mamão Beco do Beijo*.

### 3.3.1 Grupo Folclórico de Boi de mamão da Escola Municipal de Educação Básica Arino Bressan

A escola escolhida como local para o desenvolvimento da pesquisa foi a escola onde atuamos (E. M. E. B. Monte Castelo), atualmente, denominada E. M. E. B. Arino Bressan. Quando esta pesquisa foi iniciada (em 2002), constatamos que as mudanças e inovações na apresentação do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* influenciaram os grupos montados pelas escolas. Não foi diferente, na escola focalizada, desde o primeiro Boi, montado em 1998. Seu José Marcondes foi convidado pela diretora (na época, prof. Márcia) a montar o Boi com os alunos de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. série, primeiramente, por eles terem mais habilidade para manusear os materiais e movimentar-se facilmente com os bichos que tinham o tamanho e peso proporcional ao modelo do Grupo de seu José Marcondes. Os primeiros bichos e /ou personagens usados nas apresentações do Grupo montado foram: o Boi, a Bernúncia, o urubu e a nega Mariana; o médico, o Mateus, o toureiro, a porta-bandeira e os cantores. A melodia e

a letra da música foram adaptadas pelas próprias crianças. Ao longo dos anos, o Grupo foi (re)feito e os personagens, também. Desde o início, o Grupo formado por mais ou menos trinta pessoas contou com a participação, animação e apoio dos professores, pais, funcionários e APP da escola.

As apresentações do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* aconteciam sucessivamente na escola (e vem acontecendo até o presente momento), juntando e animando a comunidade, em agosto, mês da Festa do Folclore. Depois da formação do Grupo Folclórico de Boi de Mamão da E. M. E. B. Arino Bressan, notamos que as festas na escola tornaram-se muito mais participativas. O que percebemos nesta escola e nas apresentações deste Grupo foi o desejo de repetir e perpetuar o mito do Boi. Logo, a cada ano o Grupo do Boi vai sendo renovado. Muitos alunos da série final, quando deixam a escola permanecem no Grupo como é o caso do aluno Wesley Fratoni<sup>36</sup> que ao ser questionado por que participa do Grupo do Boi, respondeu: “Eu gosto, porque me ajuda nas notas e nas amizades. A ‘galera’ precisa batalhar pra tirar boas notas, ser estudioso para poder participar.” Atualmente, o Grupo, continua sendo formado por alunos que freqüentam as séries finais.

A exemplo do Grupo de seu José Marcondes, verificamos algumas mudanças relacionadas à indumentária dos personagens e acréscimo de outros elementos. Como dissemos, a estética da recepção mencionada por Jauss, também, está contemplada neste Grupo. Por exemplo, as crianças acrescentaram mais urubus e filhotes da Bernunça, também, um auxiliar para o doutor, já que há muitos alunos interessados em participar. A inovação e (re) criação do espetáculo a cada performance do Boi é consenso entre os integrantes do Grupo. Isso é confirmado nas palavras de uma integrante do Grupo (*in* entrevista): “A gente faz o que as pessoas gostam. Então a gente modifica”. Notamos que a estética da recepção e a dialética são processos constante, também, neste Grupo, pois os personagens e suas atuações

---

<sup>36</sup> Ex-aluno, tem 14 anos, é o tripa do Boi, nas apresentações, desde o começo do Grupo.

estão em constante interação, trazendo ao espetáculo novos personagens ou elementos que dinamizam o contexto vivido pelos alunos desta comunidade escolar.

A cada apresentação do Grupo, o mito do Boi se (re)faz seja pela linguagem verbal (como a mudança e improvisação nas letras das canções da bicharada) seja pela não-verbal (como gíngua do corpo, indumentária, acessórios e rotatividade dos personagens - alunos). Enfim, essa é a forma que esses alunos encontraram para perpetuar, cultivar e preservar o folclore e o mito do Boi.



Fig. 19: Os Bichos, *Grupo Folclórico do Boi de mamão, E. M.E. B. Arino Bressan.*

Fonte: Arquivo pessoal, 2006.

### **3.4 Considerações e perspectivas no cultivo do folclore do Boi de mamão na escola para uma Educação (re)significada**

No âmbito desta pesquisa, interessa-nos promover uma articulação entre as reflexões, até agora colocadas, entrelaçando o pensamento de educar para a reprodução ou para a liberdade e /ou (trans)formação. Poderíamos listar as variadas definições de liberdade,

entretanto o que pretendemos é focalizá-la no contexto escolar e, por conseguinte, estendendo a possibilidade de sua repercussão nas relações sociais e culturais. Como diz um verso de uma canção: “Liberdade não é fazer só o que quero, liberdade é fazer o que é preciso”; logo é importante apontarmos caminhos e perspectivas que evidenciem uma Educação para além do conhecimento letrado ou científico (o que é o proposto pela maioria das escolas), mas também apontem para a construção de um processo de ensino e aprendizagem pautado pela vivência da arte, reiterada no cultivo e preservação do folclore. A linguagem folclórica, como evidenciamos, neste estudo, possui uma riqueza de signos propícios ao desenvolvimento das produções orais e escritas. Contudo, por ser este um tema complexo, pensamos redimensioná-lo no que tange ao trabalho com as crianças, usando uma de suas vertentes - o mito e a lenda do Boi de Mamão – e, assim, propor um jeito diferente e dinâmico de ensinar.

Permeiar discussões acerca do ensino e aprendizagem centrado na brincadeira do Boi que envolvesse toda a comunidade escolar, não só os alunos das séries finais (como vem acontecendo na escola focalizada), mas desde as crianças pequenas da escola infantil aos jovens que já não estudam mais na unidade escolar; e que em todo o calendário letivo fosse lembrado, pois ocorre que as escolas aproveitam apenas as situações ou datas comemorativas. Ressaltamos os trabalhos realizados sobre este tema como os teatros e produção textual, as montagens de fantoches e bichos e os próprios grupos de Boi de Mamão formados nas escolas, porque (re)contam a lenda e reproduzem o mito do Boi. Mas se tal processo contribui para o cultivo do folclore, por outro lado não podemos nos esquecer de que essa mesma prática, acaba tornando o ensino e aprendizagem fragmentado e ficcional cuja motivação e aprendizagem tornam-se momentâneas ou situacional, uma vez que os alunos são motivados apenas para apresentações e, somente para a formação de Grupos, não para o conhecimento folclórico. Uma forma de excluir esse entrave no processo de ensino e aprendizagem de crianças seria construir um projeto pedagógico cujo tema gerador seria sempre a arte, neste



caso, a representação da vida, morte e ressurreição do Boi de mamão. Com os alunos menores poderia se iniciar com a contação da lenda e com a produção oral até chegar aos alunos maiores que fariam uso da produção escrita através de leitura significativa. Integraria-se dessa forma escola, arte e vida que entendemos são feitos um para o outro. Nesse contexto de produção artística, interativa e de expressão e comunicação (entendidos como instrumentos de apropriação da língua) haveria lugar para as práticas de caráter interdisciplinares e temas transversais bem como atividades de apropriação da língua como leitura, produção textual<sup>37</sup>, ortografia, gramática, etc.



Fig. 20: Teatro “As lendas invadiram o Boi de mamão”, E.M.E.B. Arino Bressan, 2002.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2006.

Tal perspectiva educativa procura respaldar-se nas concepções de teóricos da linguagem como Bakhtin; folcloristas como Propp e Gerardo, além desses, Goodman e suas versões de mundo (nas diferentes formas de brincar o Boi).

O que se propõe, portanto, é um trabalho no contexto educativo que ajude a criança a construir(se) (n)a liberdade pela vivência da arte, especialmente, pelo cultivo do

<sup>37</sup> Veja-se no final dessa pesquisa, em anexo.

folclore à medida que experimenta situações inovadoras que sejam capazes de transformar com responsabilidade a realidade em que vive. Fica a proposta ***“Brincando e aprendendo a ser cidadão com o mito do Boi de mamão”*** que, em novo entendimento, poderia engendrar outros projetos de pesquisa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não há nada permanente, exceto a mudança” (Heráclito)<sup>38</sup>

O mestrado de Ciências da Linguagem nos permitiu abrir “portas e janelas” para que pudéssemos perceber a riqueza lingüística e sígnica do espetáculo do Boi. Percebemos durante o percurso de nossos estudos os caminhos da lingüística, da sociologia, da semântica, da análise do discurso, da semiótica e vislumbramos na estética um dos aportes para as primeiras reflexões. Conseguimos com isto avaliar o folclore como arte: arte popular ou do povo não cabe aqui fazer tal distinção. E foi nesta perspectiva que adentramos por uma leitura do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* que tem realizado trabalhos junto as escolas e vem influenciando alunos com essa estética do folclore inovado e foi nessa direção que essa pesquisa caminhou. Desde o início, procuramos responder algumas reflexões, primeiramente, partindo do estudo do folclore e do mito, mais especificamente, sobre o Boi de mamão. Fizemos considerações sobre a relação folclore, arte e linguagem e aportamos na estética do folclore do Boi de mamão representado pelo Grupo em estudo. Contamos sua origem e história. Depois, analisamos as inovações, recepção e repercussão das suas apresentações junto a comunidade escolar, que aprecia o folclore tradicional bem como o trabalho de perpetuação e preservação do Boi de mamão açoriano. E o que percebemos é que o *Grupo Folclórico Beco do Beijo* mantém uma forma peculiar de montar e representar o Boi de

Mamão, recriando ou reinventando a lenda do Bumba meu Boi em estilo açoriano, usando uma linguagem própria e com isso anunciando outras vozes sociais.

Consideramos que, apesar disso (as inovações) a estética anunciada não causa de forma alguma o suposto apagamento do mito original (problema inicial), porque o ritual da morte e ressurreição do Boi permanece e permanecerá intocável, como disse seu José Marcondes, enquanto o mito do Boi de mamão fizer parte da arte do povo na sua essência original, apesar de ser marcado pela cultura contemporânea o que contribui para valorizá-lo e enriquecê-lo, como pudemos perceber no decorrer desta pesquisa. Finalizamos o estudo tecendo idéias a respeito de folclore e como o mesmo pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Em nossas reflexões, apontamos o trabalho desenvolvido pelo *Grupo Folclórico Beco do Beijo*, que nos mostrou que seu lema é “brincar de Boi de mamão” com muita inovação e criatividade sem esquecer o mito original. Propomos uma reflexão sobre o cultivo do folclore, especialmente, sobre a dialética e catarse do Boi de mamão e tal pensamento ratifica-se na citação<sup>39</sup> enunciada por José Marcondes, no início dessa pesquisa, como na citação introdutória desta conclusão, de Heráclito<sup>40</sup>, vista nas considerações sobre personagens e platéia, porque depois que esses participam e vivenciam a representação do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* já não são os mesmos.

Vimos que os personagens humanos vivem em constante rotação e transformação bem como os bichos, embora esses últimos permaneçam intactos na sua essência, ou seja, não se apagam da memória coletiva. Vislumbramos na representação da vida, morte e ressurreição do mito do Boi de mamão, de um modo geral, um espetáculo anunciador da força vital e um recomeçar contínuo da existência humana. A figura mitológica do Boi, ainda que modificada

---

<sup>38</sup> Pensamentos célebres, frases famosas, provérbios. Disponível em: <[www.bilibio.com.br](http://www.bilibio.com.br)>.

<sup>39</sup> Ser “uma história nova sem nenhuma novidade” significa que a cada representação de uma lenda, cria-se outra versão – história. E “uma perpétua novidade sem nenhuma coisa de novo”, porque apesar dos acréscimos, isto é, da introdução de novos elementos, a essência mítica, o mito, continua original e imutável.

pelas constantes renovações e versões construídas pelos nossos grupos folclóricos, particularmente, pelo *Grupo Folclórico Beco o Beijo*, é uma manifestação da arte do povo que pode atender à elaboração de projetos educativos e transversais e servir de (f)onte para perpetuar a lenda da morte e ressurreição do Boi, junto à comunidade e escolas de Tubarão.

Tencionamos, aqui, contribuir com os estudos que visem o aprimoramento do processo de Educação, elegendo a palavra folclore como geradora.<sup>41</sup> Notamos que as brincadeiras do Boi além de divertir educam. Saber perpetuá-lo a cada nova construção é um processo que se dá pela interação de novos grupos folclóricos, sejam eles de alunos ou não o que torna uma aprendizagem ímpar. Consideramos que a apropriação de tal manifestação folclórica poderia ser um excelente instrumento de educação para crianças do ensino fundamental e incluímos, aqui, a sugestão de um projeto pedagógico e transversal que dinamize o processo de ensino e aprendizagem. Apontamos caminhos que conduzam leitores/educadores à importância do cultivo, vivência e uso do mito e folclore no contexto educativo.

Fica a certeza da busca universal da consciência de perpetuação da cultura, da arte do povo, através de suas linguagens naturais, fazendo imergir novas figuras e elementos anunciadores de tipos existenciais presentes no cotidiano, que a nosso ver, devam ser de paz e solidariedade entre povos de linguagens e culturas tão diferentes. Embora essa dissertação tenha refletido sobre a constante mudança e inovação na perpetuação e valorização do folclore e cultivo Boi de Mamão do *Grupo Folclórico Beco do Beijo*, coordenado pelo Sr. José Marcondes, esperamos que seja, também, um recurso para aqueles que buscam incansavelmente alternativas prazerosas e dinâmicas na arte de ensinar.

---

<sup>40</sup> O seu fragmento de No. 91 contém a máxima: “Um homem não toma banho duas vezes no mesmo rio”. Isso significa que na segunda vez, já não será o mesmo homem e nem será o mesmo rio, porque em ambos ocorrerão transformações. (KONDER, 1992, p. 8).

<sup>41</sup> Eleger um tema significativo para o educando é “Transcender à rigidez do método de ensino para tornar mais importantes educando e educador como sujeitos de uma prática cooperativa que se instaura na ação e reflexão

Nesse sentido, esta dissertação pretende se inserir ao legado das discussões e reflexões sobre a linguagem do mito e do folclore contribuindo, assim, como um instrumento que evidencie a importância desta manifestação artística, em especial, do *Grupo Folclórico Beco do Beijo* ao universo de nossa cultura.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: EDUNB, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HECITEC, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas, SP: Papyrus, 1992.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BELINKY, Tatiana et al. **A produção cultural para a criança**. Regina Zilberman (Org.). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1999.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.
- CARNEIRO, Edson. **Dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1965.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: brasiliense, 1994.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Cabral, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. Lisboa: Cabral, 2002.
- FISHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

- GODMAN, Nelson. **Modos de fazer mundos**. Porto Codex, Portugal: ASA, 1995.
- GUIMARÃES, J. Gerardo M. **Folclore na escola**. Barueri: Manole, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Repensando o folclore**. Barueri: Manole, 2002.
- KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1992.
- LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor, textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra S/A, 2002.
- MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível, reinventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre, RS: Mediação, 1996.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira, cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- PATAI, Rafael. **O mito e o homem moderno**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PEREIRA, Nereu do Vale. **O Boi de Mamão, origem**. Monografia. 1996. Disponível em: <[http://www.boidemamao.hpg.ig.com.br/cultura\\_e\\_curiosidades/53/index\\_int\\_2.html](http://www.boidemamao.hpg.ig.com.br/cultura_e_curiosidades/53/index_int_2.html)>. Acesso em: abr. 2006.
- PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- SOARES, Doralésio. **Folclore brasileiro – Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Funart, 1979.
- STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.



**ANEXOS**

## ANEXO A - TEATRO: As lendas invadiram o Boi de mamão, Colégio Dehon, 2003

Narrador: Certa vez uma mulher, que estava esperando um filho, teve um desejo muito esquisito.

Mulher: (Chora muito).

Cavaleiro: Mas o que foi mué? Pra que essa choradeira?

Mulher: Eu to com muita vontade de comer uma coisa!

Cavaleiro: O quê?

Mulher: Língua de Boi!

Cavaleiro: Tá bom, então eu vou comprar!

Mulher: Mas eu quero a língua do "nosso Boi".

Cavaleiro: Ai meu Deus do céu!!!

Mulher: (Chora bem alto, faz escândalo- Eu quero...)

Narrador: Pobre cavaleiro, triste, triste, ela foi matar seu Boi. O Boi desconfiou e resolveu enfrentar o cavaleiro.

Cavaleiro: (Mata o Boi) Até que enfim! Que canseira!

Narrador: O Boi mal caiu e logo veio o urubu querendo bicá-lo. Porém do meio da mata apareceu 3 sacis que eram amigos do Boi.

Saci 1: Coitado do Boi, temos que ajudar ele.

Saci 2: É mesmo!!! O que vamos fazer?

Saci 3: Já sei! Vamos perguntar pro Curupira.

Narrador: Os sacis saíram pulando á procura do Curupira. Chegando lá...

Sacis: Curupiraaaaaaa!!!!

Curupira filho: Oi sacis! Algum problema?

Saci 1: Temos que ajudar o Boi, acho que ele morreu.

Curupira filho: Paiê!!!!

Curupira pai: Escutei tudo filho. Acho que vocês têm que procurar os lobisomens. Eles é que podem ajudar!

Narrador: E lá se foram. Preocupados com o Boi os sacis foram atrás dos lobisomens. Dizem que eles fazem um remédio milagroso.

Sacis: Lobisomenssss!

Lobisomens: Au, au, au, au, auuuuuuuuuuu!!!

Lobisomem 1: Quem fala?

Saci 2: Somos nós, os Sacis. Precisamos de um remédio para ressuscitar o Boi.

Lobisomem2: Nós não temos mais, quem nos deu foram as Iaras.

Narrador: E novamente os sacis saíram pulando. Eles queriam muito ajudar o Boi. Finalmente chegaram ao rio das belas Iaras.

Saci 3: Iara sereia do rio, precisamos de sua ajuda!

Iara 1: Quem ousa despertar meu sono sagrado!

Iara 2: Não sabem que nós precisamos dormir para ficarmos belas!

Iara 3, 4, 5: O que vocês querem!

Saci 1: Um remédio para dar vida ao Boi!

Saci @: Ajudem por favor!

Iaras: Tô nem aí, tô nem aí...

Saci 3: E agora? Quem pode ajudar! (Música /África)

Narrador: De repente, uma nuvem, de fumaça aparece no ar. É um curandeiro, um misterioso feiticeiro que mora na floresta.

Curandeiro: Eu posso ajudar o Boi!

Sacis: Ê, ê, ê, ê, ê!!!!

Narrador: Os sacis levaram o curandeiro até o Boi e chegando lá ele preparou seu ritual.

Curandeiro: Ia, ia, mô, lê, lê, chú, Iá!!!!

Ia, ia, mô, lê, lê, chú, Iá!!!!

Ia, ia, mô, lê, lê, chú, Iá!!!!

(Dançando)

Saci 3: Não aconteceu nada !!!!

Curandeiro: se eu não consegui, o jeito é chamar os médicos. (Pega um celular e liga) - Alô seu Pim, venha correndo, precisamos do senhor.

Narrador: Num instante aparece os médicos.

Médico 1: Ai, ai, ai, Zé! Eu tô vendo um saci.

Médico 2: O quê? Ir pra cucuira?

Médico 1: Ô Pim, eu pedi a injeção!!!!

Médico 2: Há, tá!!!!

Narrador: o médico e seu assistente tentaram de tudo. De repente o Boi começa a se mexer, se mexer, se levantar e de tão feliz ele começa a dançar.

Médicos: HÊ, hê, hê !!!!

Sacis: Viva!!!! Vamos fazer uma festa!

Narrador: Ai, ai, ai. O dono do Boi está voltando (todos se escondem) será que ele vai matar o Boi novamente!

Cavaleiro: Meu Boizinho! Eu estava tão arrependido, que bom que você não morreu. (Sai)

Boi: Ufa, ser Boi não é fácil! Pessoal, chama a galera da mata e vamos comemorar. Não esquece da minha amiga bernúncia. Agora a festa é do Boi !!!!

Narrador: Os sacis chamaram todos para a festa, até o dono e sua mulher. Eles gostaram tanto que depois daquele dia, todos os anos a festa se repetia!!!!

## **ANEXO B - Depoimento de José Marcondes, Presidente do Grupo Folclórico de Boi de Mamão Beco do Beijo**

Em minha família, somos em nove irmãos, dentre eles seis homens e três mulheres: Chico, Berto, Dego, João, Osvaldo, José, Ana, Bertina e Leta. Hoje estou casado com Flávia da Silva Marcondes e temos dois filhos, Anderson e Bruna. Assim como eu, eles também gostam de Boi-de-Mamão e me ajudam a montar e apresentar essa bonita manifestação folclórica.

Meus pais também gostavam de Boi-de-Mamão, Terno de Reis e de tudo aquilo que faz parte do folclore. O nome dado ao nosso grupo foi uma homenagem ao meu pai, que se chamava Benjamin Marcondes, conhecido como “Beijo”. Assim, ficou Grupo Folclórico Beco do Beijo.

A história de nosso grupo folclórico começou há muito tempo. Desde pequenos meus irmãos e eu gostávamos de brincar de cirquinho e de Boi-de-Mamão. Eu gosto de fazer qualquer personagem nas brincadeiras, inclusive o palhaço. Os meus irmãos Chico, Ana, Berto, Dego e Leta também gostavam de cirquinho e de Boi-de-Mamão, tanto que participavam de todas as brincadeiras.

Hoje, o nosso Grupo é conhecido em várias cidades do Sul de Santa Catarina, mas começou a ser o Grupo Folclórico Beco do Beijo só no ano de 1995. Antes era só uma brincadeira familiar.

Em 1990, eu e meu irmão Osvaldo Marcondes fizemos um Boi para brincar na Páscoa, e para distribuir balas às crianças carentes. Em 1991, eu, meu irmão Osvaldo e meu amigo Sidnei Corrêa Espíndola fizemos, novamente na Páscoa, um Boi e Nega Mariana. No ano seguinte o grupo aumentou, foram entrando mais pessoas: Dego, Leta, Bertina, meus irmãos, juntamente com minha esposa e filhos. Fizemos Boi, Cabra, Mariana, Urubu e brincamos. Somente na Páscoa de 1993 entraram para nos ajudar os meus amigos Silvério Corrêa Espíndola e José Titon. No ano de 1994 continuamos a fazer a brincadeira, mas com todos os bichos do Boi-de-Mamão.

Meu irmão João Batista Marcondes trouxe lã da vila Padre Itamar, e um puxador de canto muito bom, que é conhecido como Tadeuzinho, Tadeu Amorim Virgino.

Em 1995, meu irmão Osvaldo Marcondes deu ao nosso grupo o nome de Grupo Folclórico Beco do Beijo. A partir daí, passamos a ser conhecidos em vários colégios, igrejas, centros comunitários de Tubarão, em Criciúma, Içara e Próspera e Capivari de Baixo.

Nos anos seguintes continuamos mais fortes e fazendo mais apresentações. Nós dançávamos, o pessoal que nos assistia, pedia para que nós voltássemos a nos apresentar no ano seguinte. Isto é muito bom e gratificante, porque sabemos que nosso trabalho agrada e traz alegria. Depois de tantos anos, estamos sendo reconhecidos pela Prefeitura Municipal de Tubarão, por intermédio do Presidente da Câmara de Vereadores, o Vereador Pedro Ferreira que está tornando o nosso grupo de utilidade pública, a quem somos muito gratos.

Continuando a História do Grupo Folclórico Beco do Beijo, hoje contando comigo, José Marcondes, com Silézio Corrêa Espíndola, Osvaldo Marcondes, José de Souza

Titon, João Batista Marcondes, Tadeu Amorim Virgino que fazia parte do Boi-de-Mamão do Morrotes, Volnei Vieira Machado, outro cantor juntamente com Izelda Rosa Marcondes, Flávia da Silva Marcondes, Rut Neves Espíndola, Aroldo Frasson e Zenair da Silva.

Contando crianças e adultos o nosso grupo atualmente tem 37 pessoas. As crianças são filhos dos pais que brincam o Boi-de-Mamão em nosso grupo e, assim, formamos uma grande família. Em março de 1997 foi formada uma diretoria para cuidar e organizar o nosso grupo. Meu irmão Osvaldo Marcondes faleceu em 13 de fevereiro de 1996. A diretoria, então, ficou assim: Presidente José Marcondes, Vice-Presidente Silézio Corrêa Espíndola, Primeiro Secretário Volnei Machado, Segunda Secretária Bruna da Silva Marcondes, Diretor Artístico José Souza Titon, Primeiro Tesoureiro Antônio Marcondes, Segundo Tesoureiro Jucemar Silveira, Diretor de Desenho e Montagem Valderi das Neves, Presidente do Conselho Fiscal Tadeu Amorim, e integrantes do Conselho Flávia da Silva Marcondes, Izelda Rosa Marcondes, João Batista Marcondes, Rut Neves Espíndola e Aroldo Frasson.

Com a morte de meu irmão, que era meu braço direito, eu pensei em desistir, mas o nosso grupo era, e é, muito unido e vieram todos e me falar: “Não nós não vamos parar, porque era uma coisa de que ele gostava.” Então, o presidente do centro comunitário Fábio Silva nos cedeu gentilmente uma sala e o salão para que nós ensaiássemos e guardássemos nosso material e os bichos. Ficamos por uns quatro meses lá no Fábio Silva, até que a gente se sentisse um pouco aliviado da dor que sentíamos com a perda do irmão e companheiro Osvaldo Marcondes, mais conhecido como “Vardo”.

Mas, voltamos para nossa casa e continuamos com as apresentações, cada vez melhores. Dançamos de maio a janeiro de 1998. Nesse ano, tocamos algumas vezes na Unisul, para ilustrar trabalhos universitários sobre História e Folclore.

Fomos convidados pela Professora Ruth Vieira Nunes e a Professora Deise S. Eloi de Farias para representar a Unisul e a cidade de Tubarão no Encontro Folclórico na cidade de Porto Belo, no ano de 1999, no 6º AÇOR. O nosso grupo aceitou o convite e deu um belo show. Todos os presentes naquela oportunidade ficaram encantados com nossas apresentações.

Começamos o ano 2000 fazendo a abertura do carnaval de Tubarão. Nosso grupo é o único desta cidade que tem um representante na diretoria eleita para comandar a cultura em nossa cidade.

Aqui está um pouco da história de um grupo Folclórico que tem trabalhado unido, como uma grande família, levando alegria por onde passa e mantendo com dignidade um das bonitas criações do nosso folclore.

**ANEXO C - Lenda: Bumba-Meu-Boi (In “Era Uma Vez”, Joel Rufino dos Santos, Revista Nova Escola, Junho de 1993)**

Está é uma história de vontade.

Numa fazenda de gado á beira do rio São Francisco trabalhava um casal de escravos: Francisco e Catirina. Vai que um dia Catirina ficou grávida. Numa noite em que a lua prateada o pasto, Catirina gemeu para o marido:

- Estou com desejo de língua de Boi.
- Vontade de grávida é ordem - disse Francisco, - Mas os Bois não são nossos.

Você sabe, mulher.

Naquela mesma hora, não é que apareceu um Boi enorme, branco e gordo? De quem é, de quem não é.... Francisco entrou para dormir, mas Catirina foi atrás. Tinha um olhar comprido que dava pena:

- Quem me dera uma língua de Boi....

Francisco saiu e matou o coitado. Cozinhou a língua e pôs fim ao desejo da mulher. Chamou depois os vizinhos e repartiu o resto:

- A pá é pro Itamá. A peitaça pro seu Vilaça. Pro meu sobrinho Antonil, o costaço. Pro seu Donato, o pernil...

Só sobraram os chifres e o rabo, que ninguém quis.

Daí a dias, o dono da fazenda cismou de ver o rebanho:

- Cadê o Boizão, aquele que eu trouxe do Egito?

O feitor procurou pela fazenda inteira. Deu a notícia:

- Sumiu.
- Sumiu, como?

Um escravo que tinha visto Francisco fazer a repartição, e não tinha ganhado nada, contou:

- Vi o Chico matando ele.

O amo caiu no choro. Era um homem feroz, mas triste. Socava a parede:

- O meu Boi Barroso que veio do Egito em caravela!

Dava dó.

- Vou consolar o amo- disse Francisco, quando soube.
- Está louco? - falou Catirina. - É melhor fugir.

O pobre do amo olhava comprido o que restava do Boi: o esqueleto com o rabo e os cifres.

Mandou buscar curandeiros em todas as partes.

O primeiro olhou, olhou. - Tá morto. E deixou uma lista de remédios. - Com três dias arriba.

De fato. No terceiro dia o Boi deu um pum. Foi só. Rezaram, recitaram mantras, cumpriram penitências. Nada. Dessa vez nem um traque.

Alguém se lembrou de um pajé. Chegou com ervas e uma coleção de sapos secos. Acendeu um cachimbo e bafou os restos do Boi. Também, nada.

- O meu Boi morreu!.... - chorava o amo.- Que será de mim?
- Manda buscar outro- sugeria o feitor - lá no Piauí.

Ninguém queria entender o sofrimento dum homem tão rico.

Enquanto isso, Francisco e Catirina estavam escondidos no município de Âo. Fica pra lá de Montes Claros e acabaram sabendo que um fazendeiro assim morria de paixão por um Boi assassinado etc.

- Se eu soubesse - suspirou Catirina -, não te pedia língua de Boi aquela noite.
- E se eu soubesse - falou Francisco -, não te fazia a vontade.

O menino, que tinha nascido e já era grandinho, chamou Mateus, estava ouvindo a conversa.

- Meu pai, minha mãe, eu resolvo o caso.

Chegaram na fazenda. Francisco e Catirina ainda com o medo do castigo. O amo, porém, só tinha olhos pra chorar. Os escravos há muito tempo não faziam mais nada. As porteiras estavam escancaradas e um vento frio fazia redemoinho na própria sala da casa-grande.

Lá estavam os restos do Boi no terreiro: o esqueleto com o rabo e os cifres. Mateus levantou o rabo do Boi e espiou lá dentro. Ninguém sabe o que ele viu. Assoprou três vezes.

O Boi viveu. Saiu chifrando quem estava perto. O amo não cabia em si de alegre. Pulava e abraçava os escravos. Perdoou Francisco e Catirina.

ESSE FOI O PRIMEIRO BUMBA-MEU-BOI DO MUNDO. MAIS TARDE, PRA FICAR MAIS BONITO, INVENTARAM AS CRIATURAS FANTÁSTICAS, A CAIPORA, O BICHO FOLHARAL, O JARAGUÁ E A BERNÚNCIA. E OUTROS ANIMAIS, ALÉM DO BOI: A BURRINHA, A EMA, O CAVALO-MARINHO, O URSO, O JACARÉ, O URUBU E MUITOS OUTROS.

### ANEXO D - Troféu



Troféu de Boi de mamão, 1999.  
Fonte: Disponível em: <[www.icm.ufsc.br/gia/](http://www.icm.ufsc.br/gia/)>.

### ANEXO E – Entrega de Um Boi



Entrega de Um Boi, feito pelo seu José Marcondes.  
Fonte: Arquivo do Grupo.



## ANEXO F - Bernúncia



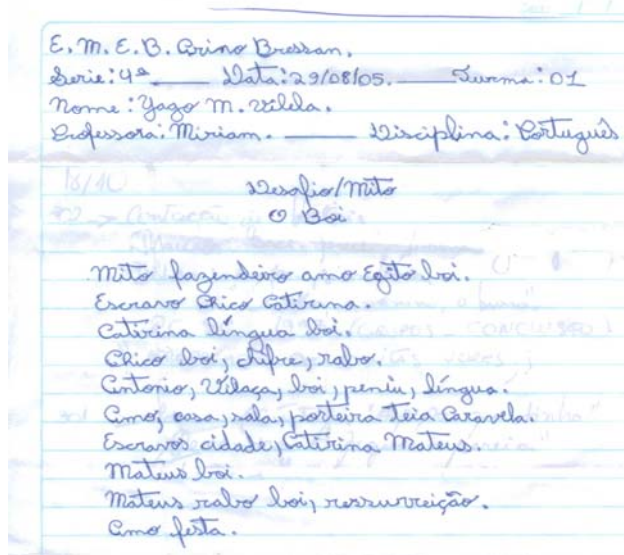
BERNÚNCIA, 1995.  
Fonte: Arquivo do Grupo.

## ANEXO G – Sr. José Marcondes recebendo o Troféu

---



## ANEXO H – Produção Textual



Produção textual, aluno da E.E.B. Arino Bressan.

Tema: Folclore.

Fonte: Arquivo pessoal, 2005.

**ANEXO I – Questionário**